

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC - SP
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Bianca Trevizan Prezado Lima

Gêneros: estrutura e textura em artigo de opinião e em reportagem de jornal
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo
2020

Bianca Trevizan Prezado Lima

Gêneros: estrutura e textura em artigo de opinião e em reportagem de jornal

Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em atenção ao requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Professora Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo

2020

Bianca Trevizan Prezado Lima

Gêneros: estrutura e textura em artigo de opinião e reportagem de jornal

Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Banca Examinadora

A Deus, que guia meus pensamentos e ações, por ter me dado saúde para superar as dificuldades e me capacitado com sabedoria.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

À Professora Sumiko, por ser uma orientadora sempre disposta a auxiliar, sou grata pela confiança que depositou em mim e por todo apoio durante os anos de mestrado.

Aos funcionários, em especial, à Maria Lúcia pelo carinho e pelo trabalho dedicado.

Aos professores do curso, por todo o conhecimento que compartilharam em sala de aula e aos professores da banca pela atenção.

Aos colegas de classe, pela amizade e pelo conhecimento compartilhado.

À Viviane Yamane Cunha, pelo incentivo desde a minha graduação.

Ao meu esposo Luiz Henrique, por todo apoio, companheirismo e incentivo durante todos esses anos de estudo.

RESUMO

Qualquer texto considerado isoladamente é, obviamente, individual, mas, ao mesmo, tempo deve seguir características específicas que o tornam legítimo em determinado contexto situacional e cultural. Isso porque cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados denominados *gêneros do discurso*, que incluem desde o diálogo cotidiano até a exposição científica, segundo a definição bakhtiniana. Porém, a diversidade funcional que envolve cada esfera de uso da língua parece dificultar o estabelecimento de traços comuns a cada gênero, tornando-os abstratos e inoperantes. Provavelmente seja esta a explicação para o fato de os gêneros do discurso ainda esperarem por pesquisas esclarecedoras. Por outro lado, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, ao definir a progressão das aprendizagens e das habilidades do discente, espera que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a diferentes gêneros por meio de diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos. O objetivo desta dissertação de mestrado é o exame da unidade textual, compreendendo as unidades de estrutura e de textura que caracterizam dois gêneros do discurso: um artigo de opinião e uma reportagem publicados em jornal paulistano ambos sobre o mesmo assunto. A análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional que abrange as noções de metáfora gramatical, avaliatividade e Linguística Crítica. Acrescem-se, a esse aporte teórico, recursos retóricos de persuasão explícita e implícita. A pesquisa responde às seguintes perguntas: (a) Que diferenças existem entre o artigo de opinião e uma reportagem em termos da unidade de estrutura? (b) E quanto à unidade de textura? (c) De que recursos retóricos se valem esses gênero em nome da persuasão? Os resultados mostram que, devido a funções diferentes que exercem no discurso, os estágios e finalidades dos dois gêneros diferem em termos da unidade de estrutura e de unidade de textura por meio de vários recursos em que se apoiam para cumprir sua função específica.

Palavras-chave: Gênero. Artigo de opinião. Reportagem. Estrutura e textura. Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT

Any text considered in isolation is individual, but at the same time it is necessary to follow specific characteristics which legitimize it to determined situational and cultural context. This is because each sphere of language usage elaborates its relatively stable types of statements called genres of discourse, which includes from daily dialogue to the scientific exposition, according to the Bakhtinian definition. However, the functional diversity each sphere of language use involves seems to make it harder to establish common traits to each genre, rendering them abstract and inoperative. Probably this is the explanation for the fact that the discourse genres were not properly placed. On the other hand, the base National Curricular (BNCC), of Portuguese for High School, by defining the progression knowledge and skills of the students, hopes that young people incorporate in their lives the practice of listening, reading and writing texts belonging to different genres through different sources, vehicles and midias and develop autonomy and critical thinking to position themselves to diverse interests and positions. The purpose of this masters dissertation is the examination of the textual unit, understanding the units of structure and texture that characterize two genres of discourse: an article by opinion and a reportage both on the same subject. The analysis has support of Systemic-Functional Linguistics that encompasses the notions of metaphor grammatical, evaluative and linguistics critical. Add, to this theoretical contribution, rhetorical resources of explicit and implicit persuasion. The esearch answers the following questions: (a) What are the differences between the opinion and a reportage in terms of the unit of structure? (b) What about texture unit? (c) From what rhetorical resources are these genres used in name of persuasion? The results show that due to different functions in the discourse, the stages and purposes of the two genres differ in terms of the unit of structure and texture unit by means of several resources to support and fulfill its specific function.

Keywords: Genre. Opinion article. Reportage. Structure and texture. Systemic-Functional Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação Processos/Participantes/Circunstâncias	17
Quadro 2 - Metafunção Interpessoal	20
Quadro 3 - <i>Mood</i> e Modalidade	21
Quadro 4 - Exemplos de avaliatividade	23
Quadro 5 - O Sistema de avaliatividade	24
Quadro 6 - Redundância	24
Quadro 7 - Meios de ativação da avaliatividade	25
Quadro 8 - Categorias da avaliatividade	26
Quadro 9 - Texto dissertativo-argumentativo	30
Quadro 10 - Esquema Problema-Solução	33
Quadro 11 - A concisão: condensando orações	38
Quadro 12 - Teorias de apoio	40
Quadro 13 - Ocorrências de nominalizações	60
Quadro 14 - Avaliatividade: Comparação	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 Linguística Sistêmico-Funcional.....	16
1.1.1 Metafunção Ideacional.....	17
1.1.2 Metafunção Interpessoal	20
1.1.3 Metafunção Textual.....	21
1.2 Avaliatividade	22
1.3 Linguística Crítica	26
1.4 Unidade Textual.....	28
1.4.1 Unidade de Estrutura	29
1.4.1.1 Texto Dissertativo-Argumentativo.....	30
1.4.1.2 A Estrutura Problema-Solução	31
1.4.1.3 Discurso Relatado	34
1.4.2 Unidade de Textura	36
1.4.2.1 Metáfora Gramatical Ideacional: Nominalização	36
1.5 Persuasão	39
2 METODOLOGIA	41
2.1 Dados	41
2.1.1 Língua e Contexto.....	42
2.1.2 O gênero reportagem.....	45
2.1.3 O gênero artigo de opinião.....	46
2.2 Procedimentos de análise	47
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	49
3.1 Análise da unidade de estrutura	49
3.1.1 Análise da unidade de estrutura do gênero artigo de opinião	49
3.1.1.1 Discussão da análise de estrutura do artigo de opinião	54
3.1.2 Análise da unidade de estrutura do gênero reportagem	55
3.1.2.1 Discussão da análise de estrutura da reportagem	58
3.1.3 Discussão geral sobre a estrutura do artigo de opinião e da reportagem.....	58
3.2 Análise da Unidade de Textura	59

3.2.1	<i>Análise e Discussão da nominalização do artigo de opinião e da reportagem</i>	59
3.2.2	<i>Análise da modalidade e da avaliatividade</i>	61
3.2.2.1	Análise da Modalidade e da avaliatividade no artigo de opinião: “O ataque careca”	61
3.2.2.2	Análise da Modalidade e da avaliatividade na reportagem: “Violência”	64
3.2.2.3	Discussão da modalidade e da avaliatividade do artigo de opinião e da reportagem	67
3.2.3	<i>Análise e Discussão da transitividade no artigo de opinião “O ataque careca” e na reportagem “Violência”</i>	69
3.3	Discussão geral das análises do artigo de opinião e da reportagem...	73
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	77
	ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão de alguma forma relacionadas com a utilização da língua. Essa utilização efetua-se em forma de textos (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Não é de surpreender, afirma Bakhtin (1997 [1979]), que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, sem, contudo, contradizer a unidade nacional de uma língua.

O texto reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, explica Bakhtin (1997 [1979], p. 279) não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Por outro lado, qualquer texto considerado isoladamente é individual, mas, ao mesmo tempo, deve seguir características específicas que o tornam legítimo. Isso porque cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa, continua Bakhtin. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas).

E é também com os gêneros do discurso que relacionamos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso). Ficaríamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo: com efeito, como colocar no mesmo terreno de estudo fenômenos tão

dísparos como a réplica cotidiana (que pode reduzir-se a uma única palavra) e o romance (em vários tomos), a ordem padronizada que é imperativa já por sua entonação e a obra lírica profundamente individual, etc.? A diversidade funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes. Provavelmente seja esta a explicação para que o problema geral dos gêneros do discurso não tenha sido colocado.

Estudaram-se, mais do que tudo, os gêneros literários. Mas estes, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de textos que se diferenciam de outros tipos de textos, com os quais tem em comum a natureza verbal (linguística), afirma Bakhtin (1997 [1979]). O problema de linguística geral colocado pelo texto, e também pelos diferentes tipos de textos, quase nunca foi levado em conta.

Por outro lado, a leitura do texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa para o Ensino Médio mostra a progressão das aprendizagens e das habilidades do discente, levando em conta o ensino de gêneros do discurso. Assim, essa questão permeia várias seções do BNCC, como se pode ver pelas afirmações a seguir, ao sugerir, entre outros objetivos: “a consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais; a consideração da diversidade de gêneros escritos, orais e multissemióticos”.

Em termos específicos da escrita jornalística, a BNCC espera que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos. Também estão em jogo a produção de textos noticiosos, opinativos e a participação em discussões e debates de forma ética e respeitosa.

Nesse contexto, Hasan (HALLIDAY; HASAN, 1989¹) propõe um exame mais detalhado da definição de texto. Para ela, a unidade é a característica mais importante de um texto. É a unidade que nos capacita distinguir um texto de um não-

¹ O livro *Language, Context and Text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989, é de autoria de Halliday e Hasan e está dividido em duas partes, uma para cada um dos autores. Curioso é que, por vezes, o livro é citado referindo-se apenas a um dos autores.

texto, de um texto completo de um incompleto. Ela distingue dois tipos de unidade: unidade de estrutura e unidade de textura, que será adotado em minhas análises da reportagem e do artigo de opinião.

A análise das unidades textuais auxilia na conscientização dos alunos a respeito das fases de uma argumentação e, talvez, por isso, ajude-o a evitar a “fuga ao tema”, fator preponderante na reprovação de redações nos exames vestibulares.

O objetivo desta dissertação de mestrado é o exame da unidade textual, compreendendo as unidades de estrutura e de textura, que caracteriza dois gêneros do discurso: um artigo de opinião e uma reportagem, ambos sobre o mesmo assunto: o assassinato de Edson Nérís, vítima de homofobia. A análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional que abrange as noções de metáfora gramatical, avaliatividade, transitividade e Linguística Crítica. Acrescem-se, a esse aporte teórico, recursos retóricos de persuasão explícita e implícita.

A pesquisa responde às seguintes perguntas, considerando-se o fato de o tema dos dois textos se mantenha o mesmo: (a) Que diferenças existem entre o artigo de opinião e uma reportagem em termos da unidade de estrutura? (b) E quanto à unidade de textura? (c) De que recursos retóricos se valem esses gênero em nome da persuasão?

Esta dissertação de mestrado insere-se no projeto de pesquisa “Recursos para a realização da persuasão por meio da avaliação implícita”, sendo parte integrante do grupo de pesquisa Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional (ACLISF), cadastrados no CNPq, ambos coordenados pela professora doutora Sumiko N. Ikeda. Cito alguns trabalhos feitos pelo grupo: “Recursos retóricos para a realização da persuasão implícita em textos argumentativos: um enfoque Sistêmico-Funcional” (CANTANHEDE, 2016); “Causa, condição e concessão em função da persuasão sob o enfoque Sistêmico-Funcional” (SANTOS, 2015); “A persuasão no gênero pregação sob o enfoque da LSF” (LIMA, 2013); “A persuasão na propaganda: a interdiscursividade e a noção de mundo textual” (OMAKI, 2010); “A metáfora e sua função persuasiva em artigos de opinião sob a perspectiva da LSF” (VIEIRA, 2008).

Antes de iniciar o capítulo da Fundamentação Teórica, trato da importância dada ao ensino da noção de gênero pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa para o Ensino Médio.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece a progressão das aprendizagens e habilidades levando em conta, entre outros itens, os que se referem a presente pesquisa:

- Consolidar o domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão;
- Considerar a diversidade de gêneros escritos, orais e multissemióticos ao longo dos três anos nas práticas de leitura, escuta e produção propostas.
- Diversificar gêneros, suportes e mídias definidos para a socialização dos estudos e pesquisas: orais (seminário, apresentação, debate etc.), escritos (monografia, ensaio, artigo de divulgação científica, relatório, artigo de opinião, reportagem científica etc.) e multissemióticos (videominuto, documentário, *vlog* científico, *podcast*, relato multimidiático de campo, verbete de enciclopédia digital colaborativa, revista digital, fotorreportagem, foto-denúncia etc.).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresento a seguir, a teoria que servirá de apoio à análise do artigo de opinião e a reportagem. Início com a proposta teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (incluindo a modalidade e a avaliatividade), seguida da Linguística Crítica. Feito isso, trato: (a) da unidade de estrutura, envolvendo noções que tratam de gênero, seus estágios e finalidades (MARTIN, 1984, p.25) e (b) da unidade de textura, envolvendo a nominalização e a avaliatividade, além de outros recursos retóricos de persuasão.

1.1 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994) e seus colaboradores considera que a estrutura da língua serve para construir simultaneamente três tipos de significados – ou metafunções: ideacional, textual e interpessoal.

A língua pode manipular esses três tipos de significados simultaneamente, porque possui um nível intermediário de codificação: a lexicogramática. É esse nível que possibilita a língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto por meio das orações mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Daí por que Halliday (1994) diz que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Importante para a LSF é a noção de escolhas.

Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso. Em resumo, a LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

A seguir, especifico as funções de cada uma das metafunções.

1.1.1 Metafunção Ideacional

Quando se expressa a experiência do mundo material ou do mundo interior, realizamos a metafunção ideacional. A experiência exterior corresponde a ações ou eventos; o mundo interior constitui-se de lembranças, reflexões e estados de espírito que se verificam no nível da consciência (HALLIDAY, 1994).

A metafunção ideacional está ancorada no sistema da *transitividade*. Trata-se de um modelo de descrição de qualquer oração, e é composta de *processo* (grupo verbal); os *participantes* (grupo nominal) e as *circunstâncias* (grupos adverbiais ou frases preposicionais). A configuração *processo + participante* constitui o centro experiencial da oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 176).

Essa metafunção representa os eventos das orações em termos de *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*, todos eles distinguidos na gramática da oração, por meio do sistema da *transitividade*. O Quadro 1 mostra o sistema da transitividade, que representa os eventos da oração, envolvendo: *processos, participantes e circunstâncias*. Os processos estão negritados.

Quadro 1 - Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

PROCESSOS	Participantes
Material	<u>Conceição</u> [Ator] endireitou <u>a cabeça</u> [Meta] em sua direção [Circunstância] <u>Ela</u> [Ator] entrou <u>na sala</u> . [Extensão]
Comportamental	<u>A mulher</u> [Comportante] suspirou <u>cruzando os braços</u> . [Comportamento]
Mental	<u>Conceição</u> [Experienciador] suportava <u>os esquecimentos do marido</u> . [Fenômeno]
Existencial	<u>Eu</u> [Existente] vivia <u>naquela casa</u> . [Circunstância]
Relacional	(a) Atributivo : <u>Ela</u> [Portador] era <u>uma santa</u> . [Atributo] (b) Identificativo : <u>Essa mulher</u> [Identificado] era <u>a Conceição</u> . [Identificador]
Verbal	<u>Nogueira</u> [Dizente] disse <u>lhes</u> [Receptor] <u>algumas palavras</u> [Verbiagem]

Fonte: Elaborado pela autora com base em Halliday (1994)

Há seis categorias de processos, cada uma delas associando-se a participantes específicos. Halliday (1994) agrupa os processos que representam a experiência externa — *materiais* —, a experiência interna — *mentais* — e aqueles

que se referem à identificação e caracterização — *relacionais*. Em seguida, aponta mais três processos que, segundo ele, encontram-se nas fronteiras desses três primeiros. São eles os *comportamentais* (manifestação de atividades psicológicas), os *verbais* (atividades linguísticas dos participantes) e os *existenciais*, aqueles que representam a existência dos seres. Exemplifico, a seguir, os processos com seus participantes.

Processos materiais – são processos de fazer, ou seja, envolvem ações físicas e expressam a noção de que alguma entidade (ator) fez algo que pode atingir outras entidades (meta e beneficiário).

<u>Ana</u>	ENTREGOU	<u>seu texto</u>	<u>para a professora</u>	<u>na aula passada.</u>
Ator	MATERIAL	Meta	Beneficiário	circunstância

Processos mentais – são os processos de *sentir* (HALLIDAY, 1994) e dizem respeito ao que ocorre (fenômeno) no mundo interior, na mente (do experienciador). Os verbos que compõem essa categoria são *ver, ouvir, amar, gostar, saber* e muitos outros que se referem à afeição e cognição.

<u>Ana</u>	PENSOU	<u>seriamente</u>	<u>sobre a questão.</u>
Experienciador	MENTAL	Circunstância	Fenômeno

Processos relacionais – são processos de *ser, estar e ter*. Eles estabelecem uma relação entre duas entidades diferentes, e a função deles é somente sinalizar a existência da relação, ocorrendo sempre um só participante no *mundo real*, pois o outro participante é meramente um atributo que lhe pertence.

	<u>Ana</u>	ERA	<u>uma professora.</u>
(a) Atributivo:	Portador	RELACIONAL	Atributo
(b) Identificativo:	<u>A professora</u>	ERA	<u>a Ana.</u>
	Identificado	RELACIONAL	Identificador

Processos verbais – são os processos do *dizer*. São representados pelos diversos

verbos expressos nos variados tipos de discurso, dada sua característica predominante de fala. Auxiliam no texto narrativo, tornando possível a existência de passagens dialógicas.

<u>Ana</u>	CONTOU	<u>a verdade</u>	<u>à professora.</u>
Dizente	VERBAL	Verbiagem	Receptor

Processos existenciais – são aqueles que expressam a existência de uma entidade, o *existente*, sem relacioná-la com qualquer outra coisa. São representados pelos verbos *haver*, *existir*, *ter*, mas podem ocorrer com outros verbos, dependendo do contexto.

<u>A seca</u>	se	FAZIA PRESENTE	<u>no sertão.</u>
Existente		EXISTENCIAL	Circunstância

Processos comportamentais – são aqueles que se referem às ações físicas, porém como resposta a um estado mental: *rir*, *chorar*, *dormir*, *soluçar*, *gargalhar*, *tossir*, *sonhar* etc., que provocam a atividade física.

<u>A mulher</u>	GEMIA	<u>de agonia.</u>
Comportante	COMPORTAMENTAL	Comportamento

Com relação aos processos, Halliday (1994) cita que é comum usar as expressões: *tomar banho*, *fazer um trabalho*, *cometer um erro*, *ter um descanso*. O verbo aqui é considerado lexicalmente “vazio”; o processo da oração é expresso pelo nome funcionando como Escopo. A principal razão para essas construções é a possibilidade de adjetivação do nome “avaliação”, já que seria difícil encontrar um verbo para: tomar um banho *quente*, cometer três erros *sérios*, dar uma olhada *rápida*, dar *aquele* sorriso, realizar revisões *menores*.

Ao comparar:

O joalheiro ainda não fez a avaliação.
O joalheiro não avaliou ainda

Se o escopo (avaliação) fosse substituído por um processo (avaliou), essa construção, de um lado, exigiria uma meta explícita (avaliou o quê), e de outro não poderia ser explicitada pelo artigo definido a.

Finalmente, as *circunstâncias* ampliam o sentido da oração, definindo o contexto no qual uma proposição ocorre (HALLIDAY, 1994). Em termos de significado, elas se associam aos processos, referindo-se à localização de eventos no tempo (quando?) ou espaço (onde?), modo (como?) ou causa (por quê?).

1.1.2 Metafunção Interpessoal

A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração na interação, envolvendo os sistemas de modalidade e de avaliatividade. Para Halliday (1994), os papéis de fala fundamentais na interação são apenas dois: *dar* e *pedir* – informação ou bens & serviços. Nesse sentido, o falante/escritor não está apenas realizando algo para si, mas também solicitando algo de seu ouvinte/leitor. Trata-se de “uma troca em que dar implica receber e pedir implica dar em resposta” (HALLIDAY, 1994, p. 68). Na troca de informação, a oração assume a função semântica de *proposição*, ao passo que na troca de bens e serviços a função assumida pela oração é de *proposta*. Para a realização dessa troca – seja de informação, seja de bens & serviços – a metafunção interpessoal vê a oração dividida em duas partes essenciais: *mood*² (incluindo, *Sujeito* + *Finito*) e *Resíduo*, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Metafunção Interpessoal

<i>Mood</i>		<i>Resíduo</i>
Sujeito	Finito	
(a) João	precisa (<u>Modalidade</u>)	estudar a lição
(b) João	precisa-va (<u>Tempo Primário</u>)	estudar a lição

Fonte: Halliday (1994)

² *Mood* tem sido traduzido por Modo (com inicial maiúscula). Mantivemos o termo inglês para evitar confusão como Modo (variável de registro) em início de sentença.

Nessa análise, o *mood* inclui a *modalidade*, definidos respectivamente, como:

- (a) *mood* é o recurso gramatical para se realizarem movimentos interativos no diálogo (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 1997, p. 58). Portanto, nesse processo se estabelecem relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais. Esse sistema não só apresenta alternativas para a realização da interação (modos declarativo, imperativo e interrogativo), como também realiza, no nível lexicogramatical, as proposições e propostas.
- (b) *modalidade* expressa significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus sobre o conteúdo da mensagem, abrangendo:
- (i) *modalização* (probabilidade + frequência) – quando se refere à proposição (troca de Informação);
 - (ii) *modulação* (obrigação + desejabilidade) – quando se refere à proposta (troca de bens & serviços), conforme o Quadro 3:

Quadro 3 – Mood e Modalidade

PEDIR	DAR	Produto	MODALIDADE	
Informação		Proposição → (Informação)	Modalização	<u>probabilidade</u> (epistêmica): <i>talvez</i>
Quando?	Amanhã.			<u>frequência</u> : <i>sempre</i>
Bens e Serviços		Proposta → (Bens & Serviços)	Modulação	obrigação (deôntica): <i>deve, precisa</i>
Me dá isso?	Toma.			<u>desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Halliday (1994)

1.1.3 Metafunção Textual

A metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração, com enfoque no sistema de *tema e rema*.

Segundo Matthiessen (1995), as metafunções interpessoal e ideacional tratam de domínios de fenômenos que existem fora da língua – fenômenos de sistemas físicos, biológicos e sociais. Por meio da metafunção ideacional, podemos construir significados da nossa experiência oriundos de fenômenos físicos, biológicos e sociais; e por meio da metafunção interpessoal, podemos construir significados de papéis e relações sociais. A terceira metafunção, a textual, constrói os significados ideacionais e interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto.

Assim, as condições textuais, tais como, tematicidade, novidade, continuidade, contraste e recuperabilidade são designadas por sistemas textuais. Tema, foco informacional, elipse-substituição e referência fazem contribuições complementares, guiando os ouvintes no processo de construir sistemas instanciais a partir do texto.

A seguir, será apresentada a avaliatividade, que veio a ampliar o escopo da metafunção interpessoal, constituída até então pelo sistema da *modalidade*.

1.2 Avaliatividade

A metafunção interpessoal, na LSF, tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que *mood* e *modalidade* servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos (da função de fala, estrutura de troca, etc. (HALLIDAY, 1994; VENTOLA, 1987). A tradição baseada na gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de bens e serviços ou informação. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF, segundo Martin (2000) é a semântica da avaliação – como os interlocutores estão *sentindo*, os *juízos* que eles fazem e a *apreciação* de vários fenômenos de sua experiência. Nos exemplos do Quadro 4, é evidente, afirma o autor, que em diálogos como esses é mais que uma simples troca de bens & serviços ou de informação. Juntamente com modelos baseados-na-gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente orientados que tratem também desses elementos.

Quadro 4 – Exemplos de avaliatividade

AFETO – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
JULGAMENTO – ético (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas péssimas está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
APRECIÇÃO – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

Assim, Martin (2000) examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da Linguística Sistêmico-Funcional. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial é chamado de *APPRAISAL* (doravante, *avaliatividade*).

O sistema da avaliatividade envolve a ATITUDE que consiste de três subsistemas, a saber: (a) **Afeto**, que trata da expressão de emoções (felicidade, medo, etc.); (b) **Julgamento**, que trata da avaliação moral (honestidade, generosidade, etc.); (c) **Apreciação**, que trata da avaliação estética (sutileza, beleza, etc.), abrangendo, segundo Coffin e O'Halloran (2006), a **Avaliação Social**, que envolve e se refere à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais. A avaliatividade conta também com a GRADUAÇÃO, que abrange um conjunto de recursos para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliação; e finalmente o ENGAJAMENTO, um conjunto de recursos que capacita o escritor (ou o falante) a tomar uma posição pela qual sua audiência é construída como partilhando a mesma e única visão de mundo ou, por outro lado, a adotar uma posição que explicitamente reconhece a diversidade entre várias vozes.

A avaliatividade (que abrange a negociação e o envolvimento) inclui-se, em termos da LSF, no contexto de situação, ou seja, nas *relações*, uma das variáveis de REGISTRO, ou seja: Campo (assunto), Relações (contato entre os interactantes) e Modo (a construção linguística). A propósito, para Martin (2003), a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoal, mas uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

A seguir, o Quadro 5 apresenta um detalhamento do sistema de avaliatividade.

Quadro 5 - O Sistema de avaliatividade

AVALIATIVIDADE	ATITUDE (opinião do autor)	Afeto (sentimento, emoção) Julgamento (ético) Apreciação (estética) Avaliação Social	
	ENGAJAMENTO (tom da avaliação)	Monoglóssico (afirmação radical) Heteroglóssico (admite diversidade de posicionamento)	
	GRADUAÇÃO (intensidade da avaliação)	Força	Aumenta Diminui
Foco		Aguça Ameniza	

Fonte: Martin (2003)

Os sistemas de avaliatividade ligam-se por meio do conceito técnico de redundância: cada sistema “redunda com” sistemas em outra parte da lexicogramática (isto é, em termos simplificados, eles cobrem a mesma área semântica usando diferentes recursos linguísticos). Por exemplo, significados apreciativos são próximos em termos semânticos a processos mentais de afeto, como é mostrado no Quadro 6.

Quadro 6 – Redundância

<i>O filme era muito triste</i> com processo relacional + apreciação	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i> com processo mental
---	---

Fonte: Martin (2000)

Esse fato levou Martin (2000) a postular uma distinção importante entre avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita) e, mais recentemente, a evocada provocada, conforme Quadro 7. Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento: (a) “Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA.” Mas o que

fazer em casos onde a avaliação não está inscrita explicitamente, como em: (b) “O Brasil desafiou os EUA na ALCA.” A avaliatividade implícita foi denominada de *token* de Atitude.

Quadro 7 - Meios de ativação da avaliatividade

Inscrita (explícito)	As crianças estavam falando <i>alto</i> .
Evocada (implícito) (<i>token</i> de Atitude)	As crianças conversavam enquanto ele dava aula.
Implícita provocada (alguma linguagem avaliativa)	A <i>professora já estava na sala, mas as crianças continuavam</i> falando.

Fonte: Martin; White (2005)

Nesse contexto, Martin (2000) fala em pareamento do significado ideacional com o interpessoal presente na avaliação linguística. Assim, surge um item complicador que é o fato de que o que conta como a avaliatividade depende do campo do discurso. Por isso, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo podem ser usados para evocar apreciação, afeto e julgamento. No caso citado no Quadro 4, por exemplo, a preferência de Rita pelo livro *Rubyfruit Jungle* teve como propósito de Martin (2000) sugerir a ignorância da jovem nessa área, sem recorrer a nenhum termo avaliativo que explicitasse essa intenção.

Toda instituição está carregada com pareamentos (ideacional + avaliação) desse tipo, afirma Martin (2000), e a socialização em uma disciplina abrange tanto um alinhamento com as práticas institucionais envolvidas quanto uma afinidade com as atitudes que se espera que tenhamos em relação a essas práticas. Talvez devesse ser enfatizado que os analistas da avaliatividade deveriam declarar sua posição de leitura – já que a avaliação por evocação depende da posição institucional que se toma ao ler um texto. Assim, muitos leitores se alinhariam com Rita e não com Frank em termos de textos populares como o citado *Rubyfruit Jungle*.

A análise de alguns exemplos – retirados dos dados desta pesquisa - podem esclarecer as categorias da avaliatividade, conforme Quadro 8:

Quadro 8 – Categorias da avaliatividade

São <u>versões apenas um pouco menos radicais</u> do que Apreciação (-) Força (↓)
(↓) = menor
as presentes <u>no credo</u> de vários <u>desses grupos</u> Apreciação (-) Julgamento (-)
que <u>tanto</u> <u>vilipendiamos</u> . É claro que há diferença Força (↑) Afeto (-)
(↑) = maior
entre esses comportamentos e <u>espancar alguém</u> até a Julgamento (-)
morte. Mas a diferença é frequentemente apenas de grau.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

1.3 Linguística Crítica

A análise do discurso crítica (ADC) é, segundo Fairclough (2001), uma orientação no estudo da língua que associa a análise do texto linguístico a uma teoria social do funcionamento da língua. Embora pesquisadores tenham estabelecido em fins dos anos vinte os princípios para uma análise crítica, sugerindo que a língua não é apenas um modo de uma pessoa se comportar, mas também de fazer os outros se comportarem, somente na década passada a orientação crítica começou a se impor.

A abordagem crítica inclui a Linguística Crítica (LC), de Fowler (1991), o trabalho de Fairclough (2001) sobre linguagem e poder, a abordagem da análise do discurso desenvolvida por Pêcheux (1982), estudos culturais desenvolvidos nos anos noventa e os trabalhos sobre linguagem e gênero (CAMERON, 1990; CALDAS-COUTHARD; COUTHARD; 1996, entre outros, *apud* FOWLER, 1991).

A LC é uma abordagem que foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (FOWLER *et al.*, 1979; KRESS; HODGE, 1979 *apud* FOWLER, 1991). Esses linguistas tentaram casar um método de análise

linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994).

O ponto teórico principal na análise de Fowler (1991) é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e assim diferenças de representação.

Nesse sentido, seguimos na esteira de Li (2010), para quem, apesar da série de abordagens à análise do discurso crítica (ADC), o que há de comum entre elas é a compreensão de como as ideologias sócio-políticas ou socioculturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso.

Van Dijk (1993), por exemplo, desenvolve uma abordagem da ADC que procura ligar o texto com o contexto, integrando a análise textual com processos de produção e interpretação do discurso. Analisando a estrutura discursiva de textos, Van Dijk (1985) oferece um modelo analítico de três níveis. O primeiro nível, a *superestrutura*, refere-se a esquemas textuais que desempenham um papel importante na compreensão e na produção de textos. Incluídas aí estão a estrutura temática hierarquizada dos textos, a organização geral em termos de temas e tópicos, que envolve as *formas linguísticas* concretas do texto, como as escolhas lexicais, variações sintáticas ou fonológicas, relações semânticas entre proposições e traços retóricos e estilísticos.

Essas formas linguísticas no nível superficial implicam significados no terceiro nível, a *estrutura profunda*. Aqui, o analista do discurso crítico examina, por exemplo, como certas estruturas sintáticas, como as construções passivas, expressam posições ideológicas subjacentes ao omitir ou a enfatizar agentes da posição de sujeito ou como escolhas retóricas específicas atribuem maior poder a certos indivíduos ou grupos sociais.

A abordagem de Van Dijk (1985) tenta relacionar a noção macro da ideologia às noções micro dos discursos e das práticas sociais de membros de grupo, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social ao cognitivo.

O autor recorre a uma metodologia que se apoia na gramática da oração, nesse caso, a Linguística Sistêmico-Funcional entra para entender como os traços do texto na superfície e a estrutura superficial comunica ideologias específicas e

identidades de grupo no nível profundo. Assim, a língua é entendida como uma "rede de opções entrelaçadas" (HALLIDAY, 1994, p. xiv) pela LSF, que é uma gramática do significado, ou seja, ela vê a língua como um sistema de significados realizados por meio de funções do rico recurso de opções gramaticais selecionadas pelo usuário da língua.

O significado envolvido na língua emerge em relação a escolhas específicas feitas pelos seus usuários. Essas escolhas gramaticais são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente.

A LSF oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das relações de poder no texto bem como as motivações, propósitos, suposições e interesse dos produtores do texto. Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração mais do que no macro nível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática e que enfoca os traços linguísticos no micronível dos textos do discurso.

É nesse contexto que procuro realizar o meu desejo de envolver em um mesmo estudo o discurso jornalístico e a análise do discurso crítica, amparada pela proposta teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que possibilita, por meio da relação entre as escolhas lexicogramaticais feitas na microestrutura do texto e a macroestrutura do discurso, ler o texto nas suas subjacências.

1.4 Unidade textual

Halliday (1989) define *texto* como sendo "língua que é funcional"³ e *funcional* como sendo "a língua que esteja fazendo alguma tarefa em algum contexto"⁴ (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 52). Nesse sentido, partindo do princípio de que texto e contexto estão tão intimamente relacionados que nenhum desses conceitos pode ser enunciado sem o outro, Hasan (1989) propõe examinar com mais detalhe a definição de texto.

Para ela, a *unidade* é a característica mais importante de um texto. É a unidade que nos capacita distinguir um texto de um não-texto, de um texto completo

³ "language that is functional"

⁴ "language that is doing some job in some context"

de um incompleto. Ela distingue dois tipos de unidade: unidade de *estrutura* e unidade de *textura*.

1.4.1 Unidade de Estrutura

A LSF considera dois tipos de contexto: cultural (gênero) e situacional (registro) constituído de três variáveis: campo (informação), relação (interação dos falantes) e modo (construção do texto). Assim, o gênero é caracterizado pela LSF como sendo uma estrutura que depende do contexto cultural. Odlin (1989) ilustra essa questão cultural por meio da estrutura do texto dissertativo-argumentativo na língua japonesa, que envolve 4 estágios (ki-shoo-tem-ketsu) em que “shoo” pode referir-se a assunto nem sempre diretamente relacionado com o tema. Esse fato pode desorientar o professor estrangeiro que tende a considerar o “shoo” como sendo fuga ao tema.

Examino, a seguir, três definições de gênero. Como não poderia deixar de ser, inicio as considerações com a definição de Bakhtin (1997 [1952-1953]), a quem devemos a visão de gênero, diferentemente da atribuição da palavra “gênero” à literatura, como foi feito tradicionalmente, tais como, a reportagem ou o artigo de opinião, focos do meu interesse.

O gênero foi inicialmente definido por Bakhtin (1997 [1952-1953], p. 281) como: “Gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de utilização da língua. Incluem desde o diálogo cotidiano até a exposição científica”. Segundo ele, ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida por meio dos enunciados concretos que a realizam (BAKHTIN, 1997 [1952-1953], p. 282).

Na LSF, Martin (1984, p.25) define: “Gênero é uma atividade, organizada em *estágios*, orientada para uma *finalidade* na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”. Poder-se-ia dizer que essa definição operacionalizou a noção de gênero, definido por Bakhtin, facilitando a sua análise, na medida em que a distinção em estágios e finalidades facilita o esclarecimento da

diferença entre os vários gêneros. Além disso, a minha experiência mostra que essa distinção facilita o ensino dos diferentes gêneros discursivos. Por outro lado, Martin (1985b, p. 248) mostra o efeito prático do reconhecimento ou não dessa categoria: “Gêneros são como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para efetivá-las. Grande parte do choque cultural é de fato choque de gênero”.

Para Reynolds (2000), o gênero gera, isto é, motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de *fora*, enquanto a língua na qual um discurso ocorre restringe e capacita a expressão, como se fosse, de *dentro*. Nesse sentido, há uma força – a cultural – que limita a variação entre diferentes gêneros, enquanto que a língua pode depender do estilo de cada escritor. Assim, por exemplo, há editoriais que recorrem muito mais ao estilo monoglóstico do que outros.

Como membros de uma cultura, temos um conhecimento de como as pessoas usam a língua para conseguirem diferentes coisas. A teoria do gênero traz para a consciência esse conhecimento cultural inconsciente, descrevendo como as pessoas usam a língua para fazer coisas.

Trato, a seguir, do texto dissertativo-argumentativo (DA), que pode integrar diferentes tipos de gênero.

1.4.1.1 Texto Dissertativo-Argumentativo

De acordo com Cereja e Magalhães (2003), embora na maior parte dos exames vestibulares do país se solicite aos candidatos a produção de textos dissertativos, na verdade, pela natureza polêmica dos temas, quase sempre o que se espera do candidato é que ele produza um texto argumentativo ou dissertativo-argumentativo, i.e., um texto em que o autor analise e discuta um problema da realidade, defenda seu ponto de vista e, às vezes, proponha soluções.

Porta (2002) faz algumas distinções que são importantes para quem vai escrever um texto DA.

Quadro 9 - Texto dissertativo-argumentativo

Dissertar somente sobre uma questão, sem apresentar um PROBLEMA e a ARGUMENTAÇÃO em defesa de um ponto de vista sobre o problema, não constitui uma DA. O estabelecimento da
--

tese principal de uma obra depende da correlativa fixação do seu problema básico.
A HIPÓTESE é um enunciado capaz de ser declarado verdadeiro ou falso. Uma hipótese é um candidato a tese.
As "teses filosóficas" cumprem uma condição: elas são SOLUÇÃO de um PROBLEMA .
A TESE é uma solução ao problema e implica um optar em que outras alternativas são descartadas.
Tal optar parte da exigência de que a resposta seja "pertinente", o que limita em boa medida toda arbitrariedade. Às vezes, há várias respostas igualmente "pertinentes" para a mesma pergunta. É aqui que os ARGUMENTOS desempenham um papel essencial. O que legitima a opção por uma determinada tese são os argumentos.

Fonte: Adaptado de Porta (2002)

A fim de adequar essas noções para a formação de uma estrutura que proporcionasse ao discente uma visão da constituição de um DA, recorri à estrutura Problema-Solução (HOEY, 1994) para envolver as sugestões de Porta, como mostraremos a seguir. Mas, antes, esclareço a proposta de Hoey (1994). Foi essa proposta que, entre as várias pesquisas referentes ao assunto, esclareceu-me a questão estrutural de uma DA.

1.4.1.2 A estrutura Problema-Solução

Com referência à estrutura abaixo, Hoey (1994) sugere que cada um dos quatro estágios do exemplo (1), abaixo, é essencial para a estrutura, que podemos denominar de estrutura Problema-Solução, com os seguintes elementos:

(1) Situação	Eu estava de sentinela.
Problema	Vi o inimigo se aproximando.
Resposta	Abri fogo.
Avaliação	Venci o ataque inimigo.

Se considerar as quatro sentenças listadas em (1), afirma Hoey (1994), verifica-se que a ordem em que as sentenças aparecem aqui parecem mais natural do que outras.

Existem 24 sequências possíveis, continua o autor, mas é apenas uma que pode ser lida sem entonação especial e que faz sentido. Mas se a segunda sentença for lida com entonação parentérica, a (2) também faz sentido:

- (2) Eu vi o inimigo se aproximando.
(Eu estava na função de sentinela).
Eu abri fogo.
Eu venci o ataque inimigo.

Outras sequências parecem mais difíceis de serem aceitas, segundo Hoey (1994):

- (3) Eu abri fogo.
Eu estive na função de sentinela.
Eu venci o ataque inimigo.
Eu vi o inimigo se aproximando.

Esses fatos sugerem que se pode dividir as sequências em três categorias: sequências não marcadas, sequências marcadas e sequências incoerentes.

Mas não é apenas a sequência das sentenças que é importante, também a sua presença. Nenhuma das quatro sentenças pode ser omitida (a menos que seja pressuposta) sem ameaçar a clareza do texto. O que isto sugere é que cada uma das quatro sentenças é essencial para a estrutura, que podemos, inicialmente, identificar como estrutura Problema-Solução, com os seguintes elementos:

Situação	Eu estava de sentinela.
Problema	Vi o inimigo se aproximando.
Resposta	Abri fogo.
Avaliação	Venci o ataque inimigo.

A questão então surge: como pode o escritor/leitor identificar essa estrutura no discurso? Hoey (1994) considera uma possível resposta para a questão, que pode ser indicada resumidamente como: projeção dentro do diálogo. Assim, as sentenças do nosso texto artificial podem agora ser projetadas em diálogo.

- (4) A: Qual era a situação?
B: Eu estava na função de sentinela.
A: Qual era o problema?
B: Eu vi o inimigo se aproximando.
A: Qual foi a sua solução?
B: Eu abri fogo.

Qual foi o resultado? e Como foi o êxito disto?

Eu venci o ataque inimigo.

As perguntas acima precisam de algum refinamento, segundo Hoey (1994). *Qual foi o problema?* é uma forma natural de uma pergunta mais precisa: *Que aspecto da situação requereu uma resposta?* Como pode-se ver, existem razões para definir *problema* como *um aspecto da situação requerendo uma resposta*; Estas serão esclarecidas mais abaixo.

A questão “*Qual foi a solução?*”, também requer uma qualificação. Como se observa, é uma forma natural de uma pergunta menos possível: *Qual foi sua resposta?* (para o aspecto da situação requerendo uma resposta?).

Embora seja conveniente na maioria das vezes falar em estrutura Problema-Solução, é importante informar que a palavra *solução* contém em si uma avaliação de uma resposta bem sucedida. Já que desejamos ser capazes de tratar do léxico que descreva respostas mal sucedidas, é importante manter a pergunta mais artificial como nosso texto mais preciso da existência daquela parte da estrutura Problema-Solução.

Em minhas pesquisas, tenho adotado o padrão Problema-Solução com acréscimos vindo das considerações de Porta, como mostra o Quadro 10, com exemplos para cada estágio. O esquema conscientiza o aluno a respeito das fases de uma argumentação e, talvez, por isso, ajude-o a evitar a “fuga ao tema”, fator preponderante na reprovação de redações nos exames vestibulares.

Quadro 10 – Esquema Problema-Solução⁵

Situação	São Paulo enfrenta longo período de seca.
Problema	A água começa a faltar.
Hipótese de Solução	Devemos todos enfrentar a crise hídrica.
Argumentos	(a) o governo estadual deve procurar recursos; (b) o povo deve pensar em meios de captação de água;

⁵ A propósito, há outros tipos de estrutura argumentativa, tais como:

(a) **Padrão: Hipotético-Real** (THOMPSON, 2001) - Parte-se de uma hipótese que é contestada para dar lugar à verdade.

(b) **Padrão: Problema-Solução** (HOEY, 1994) - Parte-se de uma pergunta, argumentando em termos da resposta. e.g. Qual é a vantagem que se poderia esperar de um estudo de escritores políticos do passado?

	(c) cada um deve restringir o uso da água para o essencial.
Tese/Avaliação	A solução exige a contribuição de cada uma dessas áreas.

Fonte: Grupo ACLISF

1.4.1.3 Discurso Relatado

Waugh (1995) trata do discurso relatado (*reported speech*) (doravante DR) no discurso jornalístico, afirmando que no relato de notícias, o DR funciona de maneira diferente do modo como funciona, por exemplo, em narrativas ficcionais ou na conversa. Isto se deve ao fato de que o relato de notícias está focado na comunicação de informação e preocupado com questões de referencialidade, verdade, confiabilidade e responsabilidade – que nem sempre são fatores primordiais em outros gêneros. Trata-se, segundo a autora, de uma questão que não tem recebido a atenção dos teóricos, que é o fato de o gênero/tipo de discurso estabelecer o enquadre que determina a natureza funcional do DR usado.

A natureza funcional das categorias usadas em artigos jornalísticos, incluindo o DR, continua a autora, tende a se submeter a esse tipo de foco em relação ao mundo fora do texto. Nesse particular, o uso jornalístico do DR baseia-se na relação não só entre: um evento do discurso relatador (*reporting speech event*) e um evento do discurso relatado (*reported speech event*), mas também - contrariamente a outros usos do DR - na representação de um texto original – afirmado como realmente existente – fora do texto que o cita (*quoting text*).

O que caracteriza o DR é que, no discurso, não só se pode falar dos enunciados de um outro discurso, mas também se pode representá-los. Na realidade, o DR é o meio principal pelo qual representamos, abertamente, os enunciados de outro discurso. Como seres humanos, podemos falar sobre algo que nos interessa, podemos falar de qualquer coisa do mundo conceitual e perceptual (real ou imaginário, possível ou impossível) que quisermos. Mais importante, podemos falar sobre a fala, podemos comunicar sobre comunicação. Em outras palavras, o DR não é “*fala sobre fala, enunciado sobre enunciado*” (VOLOSINOV, 1973, p. 115 [ênfase no original]; JAKOBSON, 1957, p. 130; STERNBERG, 1982^a, p. 107), discurso sobre discurso, mas também, e isso é o que o afasta de outros tipos

de discurso, “fala dentro da fala, enunciado dentro do enunciado” (VOLOSINOV, 1973, p; 115), discurso dentro do discurso.

Se o DR é um discurso dentro de discurso, isso significa que existem dois eventos de discurso em questão: um *evento de discurso relatador* - o evento de discurso no qual o relato é feito (no caso da reportagem de notícias, é o artigo de notícias), e um *evento de discurso relatado*, o evento de discurso sobre o qual o relato é feito. No caso de um noticiário, o evento de discurso relatador inclui o falante relatador (o repórter), o público como endereçado, o contexto sociocultural, espaço-temporal, no qual o relato está incluído (um jornal publicado em determinada data, em um lugar específico, com todas as informações socioculturais pressupostas) e, mais importante, o enunciado relatador. Este enunciado relatador trata do evento do discurso relatado, incluindo o falante relatado (em geral identificado pelo sujeito do verbo na oração de enquadre⁶), um endereçado relatado (em geral omitido), o contexto sociocultural, espaço-temporal (às vezes expresso abertamente, às vezes omitido, numa interface complexa de informação pressuposta e fornecida) e, naturalmente, o enunciado relatado (representado pelo enunciado relatado). Essa diferença entre o evento do discurso relatador e o relatado é comum em todos os usos do DR.

O que não é comum a todos os usos do DR, diz Waugh (1995), é o fato de que, no discurso jornalístico, o DR atesta a presença de um terceiro evento de discurso – o *evento do discurso original*, do mundo real – e um terceiro enunciado, um enunciado original, do mundo real. Esse fato está em conformidade com o seu foco no mundo real, na referencialidade, na verdade etc. (e também caracteriza alguns outros gêneros discursivos, como o acadêmico e o legal). Ou seja, a interpretação de instâncias do DR requer a diferenciação dos três eventos de discurso: *relatador*, *relatado* e de *mundo real*: evento de discurso relatador, incluindo o enunciado relatador; evento de discurso relatado, incluindo o enunciado relatado; e evento de discurso original (fora do texto) incluindo o enunciado original.

Em outras palavras, todos os casos em que a realidade do original não é negada explicitamente – são indexicais, na terminologia semiótica de Peirce (1893-1910). Isto é, no caso do jornalismo, o DR é um índice de um texto original, específico, realmente existente (fora do texto que o cita), que foi criado por alguma

⁶ Tradução para 'framing clause'.

pessoa real num dado tempo e lugar real, isto é, em um evento de discurso original e real.

A divisão principal do DR se faz entre o discurso direto (DD) *versus* discurso indireto (DI). Por convenção, o DD é interpretado pelo leitor como sendo uma réplica literal, autêntica e exata do que se falou originalmente, enquanto que o DI é interpretado como uma paráfrase. Essa divisão é categórica na ortografia e prototípica nos seus correlatos gramático-sintático-discursivos (com respeito ao comportamento dos termos dêiticos e a natureza sintática da oração do DR). O terceiro tipo de DR é o estilo indireto livre, um termo que abrange muitos tipos de DR, dos quais somente alguns ocorrem no jornalismo, segundo Waugh (1995).

Em termos semântico-pragmáticos, o DD é uma imagem icônica, isomórfica, uma réplica do enunciado original, enquanto que o DI é indeterminado em relação às substituições lexicais, condensação de conteúdo e processo inferenciais por que passou.

Waugh (1995) analisou o DR no jornal francês *Le Monde* em artigos de notícias – o tipo de discurso prototípico de jornais, segundo ela – mostrando que o DR desenvolveu uma natureza funcional própria, diferentemente da que ocorre na narrativa ficcional e da conversa. Em seu artigo, a autora nota que há muito a ser pesquisado sobre as características do DR em outros gêneros discursivos.

1.4.2 Unidade de Textura

Como componentes envolvidos na unidade de textura, examino: (a) nominalização (metafunção textual) (b) avaliatividade e modalidade (metafunção interpessoal) e (c) transitividade (metafunção ideacional).

1.4.2.1 Metáfora Gramatical Ideacional: Nominalização

Halliday (1994) propõe o que ele chama de Metáfora Gramatical Ideacional - a nominalização de verbos e adjetivos em nomes - um recurso que contribui para a efetivação da concisão textual, e que é amplamente utilizado, em especial, na redação de texto acadêmico. A versão escrita, alega Halliday (1994), é mais

complexa em termos de densidade lexical, enquanto que a versão falada é mais complexa em termos de complexidade gramatical. O *grupo nominal*⁷ é o recurso primário usado pela gramática para empacotar itens lexicais em alta densidade. Veja um exemplo:

Oral: *Os viadutos foram construídos com pedra e apresentavam vários arcos.* (2 orações)

Escrita: *Excelentes viadutos de pedra com numerosos arcos [...]* (1 grupo nominal)

Outros exemplos em que orações são reduzidas a grupos nominais:

Ele foi destruído pelo álcool.

(a destruição pelo álcool)

Eles localizaram um empacotador extra.

(a localização do empacotador extra)

Segundo Halliday (1994), a substituição de padrões oracionais por nominais causa alguma perda de informação. No caso do exemplo, *destruição pelo álcool*, há uma despersonalização da oração (uma função da metáfora gramatical). O escritor tem acesso ao termo omitido, mas o leitor pode ter dificuldade em fazê-lo, e assim esse tipo de discurso metafórico tende a distinguir o especialista no assunto do não-iniciado, distanciando o autor em relação ao leitor, fato que pode ter implicações persuasivas (outra função da metáfora gramatical), continua Halliday (1994).

Randaccio (2004), citando Halliday (1994), para quem a linguagem das ciências é uma das várias formas de discurso nas quais a atividade de “fazer ciência” acontece, nota que, uma vez construída, a experiência pode ser reconstruída sob uma luz diferente. Com relação à nominalização, Randaccio (2004) explica o processo de technicalização, usando a relação entre *aranha* e *aracnídeo*, em que a *aranha* se torna um construto teórico: *aracnídeo*. Isso abre a possibilidade, continua a autora, de estender a força teórica da gramática mais ainda, com a technicalização de elementos que constroem fenômenos de outros tipos: não apenas coisas, mas qualidades abstratas de coisas, incluindo os próprios Processos. Neste último caso, uma oração (i.e., *X corrompeu Y*) torna-se *condensada* (LEMKE, 1990) como um nome (i.e., *corrupção*), podendo depois ser mentalmente *expandida* pelo leitor, em outro contexto, quando recupera os Participantes implícitos no nome. Essa mudança metafórica simboliza um movimento para um *status* técnico mais elevado e

⁷ Halliday (1994) distingue entre “grupo nominal” e “fase nominal”, no que tradicionalmente chamamos de “sintagma nominal”. Grupo é uma expansão do nome (e.g. casa grande, de estilo colonial ...); frase é contração de oração (e.g. casa de Pedro < A casa é de Pedro).

é típico do processo tecnicizante em muitas línguas, marcadamente na linguagem científica, diz Randaccio (2004).

As funções que têm sido apontadas para a nominalização são as seguintes: (a) *abstração teórica* (proporciona o distanciamento do escritor em relação ao leitor); (b) *poder* (distanciado, o autor posiciona-se como de *expert* no assunto); (c) *tematização* (organiza retoricamente o texto, orientando a interpretação do leitor (FIGUEREDO, 2006)); (d) *expansão do grupo nominal* (o verbo, agora nominalizado, aceita a atribuição de adjetivo ou de oração adjetiva); (e) *maior complexidade gramatical* (condensando orações em um só termo da oração).

Como aplicação dessa explicação, comparemos os textos (A) e (B) do Quadro 11.

Quadro 11 – A concisão: condensando orações

<p>TEXTO (A) - A Petrobrás está reivindicando junto à Seplan um <u>reajuste</u> no <u>orçamento</u> de <u>investimentos</u> que permita a <u>ampliação</u> da <u>produção</u> de óleo cru para 500 mil barris diários até 1998.</p>
<p>TEXTO (B) - A Petrobrás, que <u>produz</u> óleo cru, <u>pretende ampliar</u> sua produção. A mesma quer <u>ampliar</u> essa produção para 500 mil barris diários até 1998. Para tanto, ela <u>está reivindicando</u> à Seplan que esta <u>reajuste</u> o seu orçamento de modo que <u> aumente</u> o investimento que <u>tornará</u> realidade tal projeto.</p>

O texto (A) faz parte de um editorial do jornal *Folha de São Paulo*: é um texto conciso – se comparado ao texto (B) - e apresenta cinco nominalizações (sublinhadas), resultados da condensação de cinco orações (Seplan *reajusta*, a Petrobrás *orça*; *investe*; *amplia*; *produz*) transformadas em nomes e cujo conjunto constitui um termo da oração, o objeto direto de “reivindicar”. Já o texto (B) foi construído com a reversão das nominalizações aos verbos que lhes deram origem, resultando em texto prolixo e pouco dinâmico.

Em termos da LSF, ambos os textos igualam-se quanto à metafunção ideacional, diferindo quanto à metafunção textual, com reflexos na metafunção interpessoal. Assim, as nominalizações, ao omitirem os sujeitos das orações, podem ser úteis ao processo persuasivo, quando o escritor camufla informações que quer deixar vagas.

A nominalização atribui ao texto uma *abstração teórica*, fato que, segundo a teoria, distancia o autor do leitor e lhe dá *poder de expert* no assunto, questão importante no processo persuasivo. Além disso, como nome, o que era antes um verbo, permite a *expansão do grupo nominal* com acréscimo de atributos, inserindo um sistema de valores, com potencial ideológico. Por outro lado, a concisão de que se reveste o texto (A) provém da *maior complexidade gramatical*, via condensação de orações em grupos nominais, característica própria de texto acadêmico.

1.5 Persuasão

A persuasão, segundo Poggio (2005), é um meio de influenciar uma pessoa, gerando novas metas ou ativando metas antigas. A persuasão é um hiperprocesso que envolve a convicção e a sedução (KITIS; MILAPIDES, 1997). A convicção envolve uma listagem de uma série de passos argumentativos, esperando que o leitor aceite esses passos. Porém, frequentemente, a persuasão se apropria da participação cognitiva do leitor no processo de aceitação da perspectiva do autor. Nesses casos, podemos falar de sedução em vez de convicção.

De sua parte, Latour e Woolgar (1979, p. 240) afirmam que “o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos”. Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita e a evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal, dependendo em grande parte, por exemplo, do sistema de valores compartilhados.

Cabe aqui mencionar a noção de contrabando de informação (LUCHJENBROERS, 1993, 1997a). O termo é usado quando uma informação, em geral negativa, é sub-repticiamente inserida na declaração da testemunha, como nos seguintes exemplos:

(1) Advogado: e ele lhe falou sobre como gostava de atirar em patos?

Em (1), o *frame* desencadeado deveria ser “atirar” (no pato), mas os *frames* de referência associados à escolha lexical “atirar” podem derivar componentes adicionais de significados, como “a pessoa é capaz de matar”, num fenômeno em que cada termo escolhido desencadeia uma rede ampla de associações

prototipicamente presentes nessa escolha. O acesso do interlocutor a essas associações depende de sua experiência e de sua compreensão das normas sociais que determinam essas escolhas lexicais.

Outro recurso retórico é o *dog-whistle politics* [política do apito do cão], expressão que foi cunhada recentemente para capturar a forma de avaliação implícita. É onde a comunicação política usa significados aparentemente neutros, mas que devem ser “entendidos” como uma mensagem negativa pela comunidade alvo (MANNING, 2004).

Nesse processo persuasivo, recorre-se, frequentemente, à ironia. O que dá à ironia seu potencial subversivo, explica El Refaie (2005), é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

Tudo isso conta com o apoio da intersubjetividade. Kärkkäinen (2006) afirma que a atitude no discurso não é a apresentação linguística transparente de “estados internos” de conhecimento, mas emerge da interação dialógica entre interlocutores. Assim, a atitude é mais apropriadamente vista de um ponto intersubjetivo, e não considerada primordialmente como uma dimensão subjetiva da linguagem.

Apresento, a seguir, as teorias que embasam minha análise no Quadro 12.

Quadro 12 – Teorias de apoio

Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)
Unidade de estrutura – Gênero Texto Dissertativo-Argumentativo (TDA) Discurso relatado (DR)
Unidade de textura Nominalização Modalidade e Avaliatividade Transitividade
Persuasão
Linguística Crítica (LC)

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso, uma pesquisa que examina uma unidade, segundo Holloway (1997), cujos limites são esclarecidos em termos de resposta a perguntas feitas, de fontes de dados usadas, e do contexto envolvido. A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994), que possibilita relacionar as escolhas lexicogramaticais do texto à estrutura da ideologia e das relações de poder do discurso.

A LSF é um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso - a qual constrói simultaneamente três significados, ou metafunções, a saber: *ideacional* (informação), *interpessoal* (interação) e *textual* (a organização linguística dos dois outros significados).

Finalmente, levo em conta, de acordo com Fowler (1991), Charteris-Black (2004) e Kerbrat-Orecchioni (2004), que o apoio teórico em pesquisa de linguística aplicada tende a ser eclético, empregando metodologia mista, “já que os mesmos recursos não são apropriados para descrever diferentes níveis e componentes da interação, sendo necessário o apelo a várias tradições descritivas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004, p. 9).

2.1 Dados

Os textos analisados referem-se ao seguinte fato. No ano de 2000, o adestrador de cães Edson Neris da Silva, de 35 anos, foi espancado até a morte por um grupo de *skinheads* na Praça da República. Ele levou golpes de tacos de madeira, bastões de ferro e soco-inglês. A motivação foi homofobia. Um dos rapazes presos sob suspeita de participação no assassinato, confirmou à polícia que integra um grupo de *skinheads* e que o crime foi praticado pela gangue. Ao todo, 18 pessoas foram detidas pela polícia por suspeita de ligação com o crime. As penas variaram de 5 a 19 anos de prisão.

Dois textos pertencentes a gêneros diferentes trataram do assunto: um artigo de opinião e uma reportagem, fato que me abriu a oportunidade de fazer uma

comparação de gênero, já que dois fatores garantiam a isonomia contextual: o assunto e a época do ocorrido, que poderiam justificar a pesquisa.

Os textos⁸ são:

- (a) o artigo de opinião “O ataque careca”, de Tulio Kahn (*Folha de S.Paulo*, 14/02/2000);
- (b) a reportagem “*Skinheads* espancam e matam homem em São Paulo” (*Folha de S.Paulo*, 06/02/2000).

A escolha do artigo de opinião e da reportagem da presente pesquisa, que poderiam ser outros, deveu-se a dois fatos: (a) as características que distinguem os dois gêneros apresentarem-se de maneira a esclarecer favoravelmente a noção de gênero ao discente; e (b) os dois gêneros tratam do mesmo assunto, o que mostra a variação de um gênero (artigo de opinião) a outro (reportagem) no tratamento do mesmo fato.

Antes de iniciar os Procedimentos de Análise, apresento as noções de gênero reportagem e de gênero de artigo de opinião, iniciando com a questão da relação entre língua e contexto. Deve ficar claro que a noção de gênero inclui-se no contexto cultural, o que significa dizer que as considerações a seguir podem ou não ser válidas em outros contextos culturais.

2.1.1 Língua e contexto

Alguns fatos mostram que língua e contexto estão inter-relacionados (EGGINS, 1994):

- (a) somos capazes de deduzir o contexto de um texto (um texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido);
- (b) somos capazes de predizer a língua através de um contexto (e.g. para uma receita de ovos mexidos, podemos predizer o tipo de estrutura sintática, as palavras, que ocorrerão no texto);

⁸ Os textos encontram-se no ANEXO.

- (c) sem um contexto não somos capazes, em geral, de dizer que significado está sendo construído.

Portanto, ao fazermos perguntas funcionais, não é suficiente enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto. Mas quais as feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa questão, os systemicistas lançam mão de dois conceitos: **registro** e **gênero**.

Os textos têm estruturas geradas por escolhas sistêmicas em três planos de comunicação semiótica: gênero⁹, registro (no plano do contexto) e língua¹⁰. O gênero é considerado o plano mais alto; a seguir, o registro e finalmente a língua.

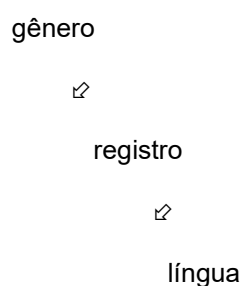


Fig. 1 Modelo de estratificação de gênero, registro e língua (Martin, 1992, p. 495)

NOTA: as flechas significam 'realizado por'

Tradicionalmente os linguistas se interessaram mais pela descrição do plano da língua, isto é, sistemas e estruturas, em detrimento do plano semiótico, cuja existência chegou a ser negada. Hoje, está claro que os planos do gênero e registro são também importantes (VENTOLA, 1988).

No arcabouço de Martin (1992), gênero, registro e língua são interpretados como sistemas semióticos. Tomados juntos, o gênero e o registro são identificados como o contexto social. O gênero representa os processos sociais em etapas orientados para uma meta de uma dada cultura tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992). Na LSF, o registro é organizado pelas três variáveis contextuais: campo, relações e modo. Geralmente, o campo refere-se ao tipo de

⁹ Tradução de *Genre*.

¹⁰ Gênero e registro e além destes a ideologia constituem os elementos do contexto, no qual se situa a língua.

atividade social e assunto tratado pelo texto; as relações, por outro lado, envolvem as dimensões de status (i.e., igual X desigual), contato (envolvido X distante) e afeto (MARTIN 1992); e finalmente, o modo refere-se à organização simbólica de um texto e é, em geral, organizado pelos padrões de informação temática e informação nova. De acordo com Martin (1992, p. 509), “o modo intermedia o espaço semiótico entre monólogo e diálogo e ação e reflexão”.

As três variáveis contextuais de registro – campo, relações e modo – são, por sua vez, organizados pelas metafunções da linguagem ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY, 1978).

A relação entre os sistemas semióticos de gênero, registro e a língua, é de realização. Assim, as escolhas linguísticas (i.e., os significados ideacional, interpessoal e textual) realizam um contexto de situação (i.e., campo, relações e modo). Além disso, um contexto de situação realizado pela língua realiza um gênero. A realização é também entendida como uma operação na direção oposta; isto é, o gênero é realizado pelos padrões das seleções de registro e o registro, por sua vez, realizado por padrões de seleções linguísticas. Os padrões de realização da língua para o gênero são considerados em termos de potencial, continua Eggins (1994). A seleção de padrões linguísticos feita por um falante ou por um escritor tem o potencial de realizar um número infinito de contextos sociais. O movimento do gênero para a língua, contudo, é considerado em termos de restrições. Um gênero restringe os tipos de padrões de registro que podem realizar um gênero e um registro restringe os tipos de padrões linguísticos que podem realizar o registro. Deve-se enfatizar que a realização não constitui uma relação causal. Não é o caso de que um registro causa certos padrões linguísticos ou que as seleções de língua causam certo registro. Mas a realização se refere a *padrões* de expressão em relação ao conteúdo (e.g., padrões de linguagem em relação ao registro) ou a probabilidade que certo conteúdo (e.g. registro) será interpretado através de padrões específicos de linguagem. Ela não determina essas seleções.

2.1.2 O gênero reportagem

Como estilo de texto, o gênero reportagem é difícil de definir (LAGE, 1979). O estudo da reportagem pressupõe a consideração do que seja oportunidade jornalística. Na prática contemporânea do jornalismo impresso, existe a tendência de transformar em reportagem cada fato programado, ou mesmo um fato inesperado, à medida que a indústria jornalística desenvolve técnicas e processos bastante rápidos para coleta e processamento de dados.

Do ponto de vista da produção, podemos considerar gêneros de reportagens as do tipo *investigação*, em que se parte de um fato para revelar outros mais ou menos ocultados e, por meio deles, o perfil de uma situação de interesse jornalístico (como em *Watergate*, ou no levantamento do episódio de Mi Lai, na guerra do Vietnam); do tipo *interpretação*, em que o conjunto de fatos é observado da perspectiva metodológica de dada ciência (as interpretações mais frequentes são sociológicas e econômicas); e as do *novo jornalismo* (uma escola americana, geralmente associada aos nomes de Truman Capote e Normal Mailer) que, investindo justamente na revelação de uma práxis humana não teorizada, busca apreender a essência do fenômeno aplicando técnicas literárias na construção de situações e episódios narrados.

De qualquer forma, como acentua Marcos Faerman (1977)¹¹, será sempre um problema para a crítica literária que alguma coisa efêmera como o jornalismo possa produzir literatura de qualidade e que esta sirva não só para nutrir um conceito de belo ou de arte mas também para testemunhar, de modo inigualável, a experiência humana. Hans Magnus Enzensberger (1978), teórico da Escola de Frankfurt e poeta, considera a literatura, na linha de Bertold Brecht, algo “através do qual se tornará possível ao leitor produzir verdade”.¹² Se julgarmos assim, será tão difícil desconsiderar certas narrativas jornalísticas da categoria de literatura quanto certa literatura (de Rubem Fonseca ou João Antônio, por exemplo) da categoria essencial de jornalismo.

¹¹ FAERMAN, Marcos. "A proposta de uma receita nova, com corações conscientes". Cadernos de Jornalismo, n.2. Porto Alegre, Sindicato dos Jornalistas Profissionais, novembro de 1977, p. 37.

¹² ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

Nada disso deve ocultar a circunstância de que, para que uma boa reportagem se realize, é necessário que a indústria tenha interesse em produzi-la – eventualmente por questão de sobrevivência na luta pela conquista de leitores ou de prestígio. Nem é possível considerar as limitações da interpretação que se funda, na melhor hipótese, em um campo de conhecimento instituído (a sociologia, a economia, a estratégia) e proporciona, em decorrência, visão parcial dos fatos.

Por outro lado, a oportunidade não importa apenas para os jornalistas; é um fato de marketing. Agirá bem o editor que, no dia mesmo de um espetacular feito espacial, providenciar a reedição e redistribuição de livros como *O Universo*, de Isaac Azimov, ou *A Psicologia do Cosmos*, de Yuri Gagarin; o decorador que incluir motivos espaciais em suas estamparias, o programador de televisão que relançar pela enésima vez a série *Jornadas nas Estrelas* e o fabricante de perfumes que acrescentar o adjetivo celestial no apelido de uma essência similar ao almíscar silvestre.

2.1.3 O gênero artigo de opinião

Um significado peculiar às instituições jornalísticas é a identificação do artigo como um gênero específico, uma forma de expressão verbal. Trata-se de uma matéria jornalística em que alguém (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e apresenta uma opinião.

Martín Vivaldi (1997) caracteriza o artigo como sendo: “Escrito, de conteúdo amplo e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma ideia atual, de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista”. Para o autor, dois elementos são específicos ao artigo jornalístico: atualidade e opinião.

Cada espécie de artigo tem suas próprias características redacionais. Não há um padrão uniforme para a sua concepção, explica Vivaldi (1997). Depende da natureza do veículo em que se publica. Beltrão (1980), todavia defende a ideia de que a estrutura narrativa do artigo é semelhante à do editorial, contendo os seguintes elementos: (a) título; (b) introdução; (c) discussão/argumentação; (d) conclusão.

Quem escreve artigo no jornalismo brasileiro? Tanto pode ser um jornalista pertencente aos quadros regulares da instituição noticiosa, quanto pode ser um colaborador – escritor, professor, pesquisador, político, profissional liberal – convidado a escrever sobre assunto da sua competência.

Nomes como Tristão de Athayde, Barbosa Lima Sobrinho, Raimundo Faoro, Gilberto Freyre tornaram o processo jornalístico mais ágil, trazendo em seus artigos concepções, valores e propostas capazes de transformar a realidade. São autênticos representantes de uma sociedade civil que luta por se afirmar e reduzir a onipresença do aparelho estatal.

Um dos casos mais recentes de estímulo a essa participação de personalidade de vida pública – parlamentares, dirigentes sindicais, autoridades religiosas, juristas, cientistas sociais – nas críticas das questões suscitadas pelo momento político tem sido o da Folha de S. Paulo, por meio da seção “Tendências/ Debates”, onde desfilam temas e personagens que mobilizam a sociedade para a busca de alternativas institucionais e de soluções para os problemas fundamentais do país.

2.2 Procedimentos de análise

A análise dos textos seguirá as seguintes etapas:

- (a) análise da **unidade de estrutura**, focalizando os gêneros: “artigo de opinião” e “reportagem de jornal”. Nesses gêneros, serão examinados os estágios e finalidades. Segundo Martin (1984, p. 25): “Gênero é uma atividade, organizada em *estágios*, orientada para uma *finalidade* na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada *cultura*”.
- O artigo de opinião – um texto DA - será examinado à luz do esquema Problema-Solução.
 - A reportagem será examinada sob a perspectiva do discurso relatado/relatador e original.
- (b) análise da **unidade de textura**, focalizando:

- (i) nominalização
- (ii) avaliatividade e modalidade
- (iii) transitividade

OBS.: Na análise da nominalização e da avaliatividade, serão enfocados trechos do editorial e da reportagem com extensão semelhante em termos quantitativos de palavras, na tentativa de garantir uma comparação significativa.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Passo a analisar a unidade de estrutura – do gênero artigo de opinião – examinando seus estágios e finalidades. O mesmo será feito em relação à reportagem.

3.1 Análise da unidade de estrutura

Passo a analisar a unidade de estrutura, primeiramente do artigo de opinião no esquema Problema-Solução, e na sequência analiso a reportagem sob a perspectiva de relato, relator e original.

3.1.1 Análise da unidade de estrutura do gênero artigo de opinião

A análise da estrutura do gênero artigo de opinião segue a proposta de Hoey (1994) e Porta (2002), e para tanto repito aqui o Quadro 10:

Quadro 10 – Esquema Problema-Solução

Situação	São Paulo enfrenta longo período de seca.
Problema	A água começa a faltar.
Hipótese de Solução	Devemos todos enfrentar a crise hídrica.
Argumentos	(a) o governo estadual deve procurar recursos; (b) o povo deve pensar em meios de captação de água; (c) cada um deve restringir o uso da água para o essencial.
Tese/Avaliação	A solução exige a contribuição de cada uma dessas áreas.

Fonte: Grupo ACLISF

<p style="text-align: center;">O ataque careca</p> <p style="text-align: right;">Túlio Kahn Folha de S.Paulo (14/02/00)</p>	<p style="text-align: center;">Estágios e Finalidades</p>
<p style="text-align: center;">ESSES GRUPOS SÃO PERIGOSOS PORQUE DEFENDEM IDEIAS ADORMECIDAS NA SOCIEDADE</p>	<p style="text-align: center;">Lide</p>
<p>(1) O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria, despertou novamente a atenção da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio".</p>	<p style="text-align: center;">Situação: Assassinato de homossexual</p>
<p style="text-align: center;">Discussão: O assassinato de Edson Neris da Silva no Brasil, por ser homossexual, soma-se a outros em grande parte do mundo, acendendo as discussões sobre “incidentes de ódio”.</p>	
<p>(2) As discussões durante a semana passada foram travadas muito em tomo de aspectos até certo ponto secundários, como as diferenças entre punks, <i>skinheads</i> e carecas, o que vestem e que músicas ouvem, que locais frequentam ou qual o perfil dos seus integrantes, deixando de lado a questão mais crucial: <u>qual é afinal o perigo que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira?</u></p>	<p style="text-align: center;">Problema: O real perigo (sublinhado)</p>
<p style="text-align: center;">Discussão: Para Kahn, as discussões tecidas em relação ao crime enfocaram apenas aspectos secundários da questão.</p>	
<p>(3) Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992, as ações desses grupos vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades, e ora uma, ora outra facção tem sido apresentada como responsável por pichações difamatórias, depredações, ameaças a lideranças</p>	<p style="text-align: center;">Etapa preparatória para a Proposta</p>

<p>de minorias, difusão de ideias racistas, homofóbicas, separatistas e antissemitas por meio de panfletos, fanzines ou pela Internet. Também foram responsabilizadas pelo envolvimento em incidentes mais graves e raros, como o envio de bombas caseiras a instituições como a Anistia, estupros, agressões físicas e assassinatos.</p>	<p>de Kahn</p>
<p>Discussão: Kahn traça o contexto para justificar sua explicação referente a crimes como o que vitimou Edson Neris.</p>	
<p>(4) A morte de Neris da Silva, atacado porque "parecia homossexual", foi, segundo um levantamento feito na imprensa desde 1992, o nono homicídio que pode ser atribuído aos grupos de extrema direita. Muitos outros "inimigos" foram surrados seguindo o mesmo padrão: ataques de muitos contra poucos indefesos, escolhidos aleatoriamente pelo simples fato de ser negros, nordestinos, gays, punks ou judeus.</p>	<p>Etapa preparatória para a Proposta de Kahn</p>
<p>Discussão: Não há como negar as questões sociais de discriminação. Elas eclodem a todo momento na sociedade.</p>	
<p>5. Mas, mais que um perigo físico para as minorias – estatisticamente baixo num país onde ocorrem 37 mil homicídios dolosos por ano e um homossexual é assassinado a cada dois dias –, <u>o perigo representado por esses grupos é de outra natureza, mais simbólica.</u></p>	<p>Hipótese: perigo simbólico (sublinhada)</p>
<p>Discussão: Para Kahn, a verdadeira causa que motiva essa série de crimes é de natureza simbólica.</p>	
<p>6. Em primeiro lugar, é preciso ser cauteloso com aqueles que se apresentam como herdeiros de doutrinas que no passado foram responsáveis pelo sofrimento</p>	

<p>e pela morte de milhões de pessoas. Mas, acima de tudo, esses grupos são perigosos porque defendem bandeiras e ideias que se encontram adormecidas na sociedade, ainda hoje, mesmo que em versões mais moderadas. Ideias que não se restringem a alguns poucos extremistas e são mais difundidas do que seria desejável.</p>	<p>Argumento:</p> <p>ideias adormecidas</p>
<p>Discussão: O perigo está em que a discriminação age na subjacência.</p>	
<p>7. Conheço bons cidadãos, que não se julgam racistas nem de extrema direita, tampouco andam de cabeças raspadas, que compartilham em algum grau noções do tipo "o Sudeste sustenta o resto do país", "nossas prisões estão cheias de negros e nordestinos", "os gays são os responsáveis pela epidemia da Aids"; que xingam os demais de "bairanos" e afirmam que jamais votariam numa nordestina ou num negro para a prefeitura.</p>	<p>Argumento:</p> <p>racismo inconsciente</p>
<p>Discussão: Muitos cidadãos comuns se dizem não racistas, porém, suas ações mostram as suas verdadeiras faces preconceituosas.</p>	
<p>8. São cidadãos que não calçam coturnos, mas que rejeitariam uma instituição de aidéticos ou uma unidade da Febem perto de suas casas. Não vestem calças camufladas, mas apoiariam restrições ao uso dos serviços públicos por migrantes e concordam veladamente que ônibus vindos do Nordeste sejam desviados para outras cidades. Não escutam música ska, mas gostariam que os mendigos fossem enviados para algum lugar remoto. Publicam anúncios pedindo "pessoas de boa aparência" e consideram o elevador de serviço mais adequado para algumas categorias de pessoas.</p>	<p>Argumento:</p> <p>Aparentam ser cidadãos "comuns"</p>
<p>Discussão: Na realidade, muitas pessoas têm algum tipo de preconceito, mas sem ter consciência do fato. Daí o perigo, segundo Kahn.</p>	

<p>9. São versões apenas um pouco menos radicais do que as presentes no credo de vários desses grupos que tanto vilipendiamos. É claro que há diferença entre esses comportamentos e espancar alguém até a morte. Mas a diferença é frequentemente apenas de grau.</p>	<p>Argumento: Diferença de grau</p>
<p>Discussão: O sentimento de discriminação existe tanto nos extremistas quanto no cidadão comum: a diferença, segundo o autor, é apenas de grau. Daí a dificuldade de extirpá-lo da sociedade.</p>	
<p>10. Restrições aos imigrantes fazem parte do programa do Partido da Liberdade, votado por nada menos que 27% dos austríacos nas últimas eleições, em parte pela fadiga da população com os partidos tradicionais, algo que ocorre também entre o eleitorado brasileiro - um eleitorado que já se revelou mais de uma vez disposto a votar em candidaturas apresentadas como novidades ou antissistema.</p>	<p>Argumento: Discriminação de imigrantes</p>
<p>Discussão: Atitudes discriminatórias atingem também os imigrantes, já que eles significam uma ameaça ao sistema vigente. Daí o surgimento de antissistemas como é o caso do Partido da Liberdade austríaco.</p>	
<p>11. A vinculação dos marroquinos com a criminalidade, que foi o estopim dos incidentes de ódio na Espanha, é o mesmo tipo de vinculação que se faz em São Paulo com negros e nordestinos, não obstante a população carcerária ser predominantemente paulista e branca. Fenômenos desse tipo estão longe de estar mortos, mesmo na civilizada Europa, que mais sofreu com o fascismo e onde a crise social é menor que aqui.</p>	<p>Argumento: A discriminação geral</p>
<p>Discussão: Sentimentos e atitudes racistas ocorrem em países de 1º e 3º mundo, em todo tipo de sociedade, independentemente de os cidadãos</p>	

fazerem parte de um grupo extremista ou não.	
12. O perigo que a existência de gangues juvenis como carecas e <i>skinheads</i> nos coloca não está tanto nas ações episódicas de violência contra minorias que realizam, mas no fato de que elas tocam em temas e questões mal resolvidas em nossa sociedade, ocultadas pela falácia da democracia racial brasileira.	Tese/ Avaliação: Origem ocultada
Discussão: A origem do problema de discriminação racial ou de outra natureza está, na realidade, em questões não resolvidas pela sociedade, abafadas pela hipocrisia da democracia racial brasileira.	

3.1.1.1 Discussão da análise de estrutura do artigo de opinião

Kahn apresenta inicialmente a **situação**, que retrata o tema do artigo, o assassinato de Néris por ser homossexual. O **problema** que o autor vê nas discussões que ocuparam a mídia sobre o assunto, é que a questão principal não foi tocada: o real perigo que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira.

Nesse sentido, a **hipótese** do autor é de que esse perigo seria de natureza simbólica, que permanece na subjacência ideológica e que motiva a série de crimes que ocorrem em grande parte do mundo: movimentos contra minorias raciais, contra imigrantes, ou contra negros e nordestinos no Brasil.

A seguir, o autor inicia a **argumentação** em prol de sua proposta, ou seja, a natureza simbólica da discriminação que acabou na morte de Néris.

Inicialmente ele trata das ideias adormecidas, referente ao racismo inconsciente que subjaz na mente de cidadãos aparentemente “comuns”, que até, sinceramente, se julgam incapazes de qualquer tipo de ato discriminatório. Daí o perigo que Kahn vê no fenômeno, já que por ser de natureza simbólica dificilmente se expressam de modo concreto.

Daí por que a diferença que existe entre o extremista – capaz de matar – e o cidadão comum (nós?) seria apenas de grau, segundo o autor. Assim, diante desse quadro da natureza humana, países como o Brasil não enfrentam crimes como os que matou Néris, porque há muitos símbolos ocultos pela hipocrisia de uma falsa democracia racial.

Sua **avaliação** – ou **tese** da argumentação – é de que, sendo simbólica a discriminação, seja de qualquer natureza, é fácil ocultá-la sobre falácia com aparência de igualdade para todos.

3.1.2 Análise da unidade de estrutura do gênero reportagem

	Estágios e Finalidades
VIOLÊNCIA	
Adriana Souza Silva da Reportagem Local Folha de São Paulo, de 07/02/00	
POLÍCIA PRENDEU 18 JOVENS SUSPEITOS DE PARTICIPAR DO CRIME SKINHEADS ESPANCAM E MATAM HOMEM EM SÃO PAULO	Lide
(1) O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, morreu na madrugada deste domingo (6), depois de ter sido espancado por uma gangue de <i>skinheads</i> na praça da República (zona central de São Paulo).	SITUAÇÃO Espancamento de Néris
Discussão: A reportagem anuncia a morte de Neris.	
(2) Segundo o depoimento de Dario Pereira Netto, 34, que passava com Silva pelo local por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles.	30 carecas aproximam de Néris e Netto
Discussão: Discurso relatado por Netto sobre a abordagem dos carecas.	
(3) A filosofia skinhead prega o repúdio, entre outras coisas, às pessoas gays, lésbicas e simpatizantes. A perseguição teria ocorrido pelo fato de os dois	Motivo do crime:

serem considerados homossexuais.	homofobia
Discussão: Discurso original referente à filosofia skinhead, que explica a perseguição dos dois homossexuais, Silva e Netto.	
(4) Pressentindo que seriam abordados pela gangue, Silva e Netto saíram correndo em direções opostas. Netto foi agredido, mas conseguiu escapar. Silva foi alcançado pelos <i>skinheads</i> .	Neris e Netto fogem
Discussão: Discurso relatado de Netto sobre a tentativa de fuga.	
(5) Duas testemunhas, que preferem não se identificar, dizem que a agressão contra Silva durou cerca de 20 minutos. “Tudo que se ouvia era o barulho dos socos”, afirma uma testemunha. “Depois que terminaram, o grupo foi embora, andando tranquilamente.”	Duas pessoas testemunharam o ataque
Discussão: Discurso relatado de duas testemunhas que presenciaram o ataque.	
(6) A testemunha avisou à polícia, que encaminhou Silva para a Santa Casa de Misericórdia, onde ele já chegou morto. Viaturas da Polícia Civil iniciaram, em seguida, uma ronda pela região a fim de encontrar um grupo com as características descritas pelas testemunhas.	Polícia Civil iniciam ronda na região
Discussão: Discurso relatado da testemunha sobre a atuação da Polícia Civil no encaminhamento de Silva ao hospital.	
(7) Essa busca resultou na prisão de 18 jovens que estavam reunidos num bar da rua 13 de maio. Eles foram indiciados por formação de quadrilha e encaminhados ao 3º DP (Santa Ifigênia) como os suspeitos do homicídio.	Prisão de 18 jovens
Discussão: Discurso relatado de testemunhas sobre a prisão de 18 jovens suspeitos de homicídio. Notemos o cuidado da reportagem em apenas declarar os jovens como “suspeitos” de homicídio.	
(8) Na delegacia, os 18 jovens (16 homens e duas mulheres, com idade entre 18 e 30 anos) disseram que só falariam em juízo, embora tenham afirmado	Carcas do ABC são

que faziam parte de um grupo de skinhead conhecido como "Carecas do ABC". Pelo menos cinco deles foram reconhecidos pelas testemunhas como autores da agressão.	culpados
Discussão: Discurso relatado de testemunhas: cinco dos <i>skinheads</i> são reconhecidos como autores da agressão.	
(9) Junto com uma das mulheres foi encontrado um peça de metal conhecida como soco inglês.	Encontrado: soco inglês
Discussão: Discurso relatado sobre um soco inglês portado por uma das mulheres.	
(10) Pelo menos cinco deles foram reconhecidos pelas testemunhas como autores da agressão.	Testemunhas reconhecem criminoso
Discussão: Discurso relatado de testemunhas sobre reconhecimento de cinco autores da agressão.	
(11) Revoltado, o irmão de Silva, Jurandir da Silva Santos, 32, pedia justiça. "Eles não podem ser soltos, como aconteceu com os assassinos do índio pataxó", disse.	Irmão de Neris pede justiça
Discussão: Discurso relatado. A reportagem traz a voz do irmão de Silva o que reforça a garantia da verdade relatada.	
(12) Nascido em Franco da Rocha, Silva foi criado em Itapevi (interior de São Paulo) onde morava até hoje com os pais. Divorciado, costumava vir a São Paulo para visitar amigos. "Era uma pessoa alegre, sempre disposto a ajudar", disse o vizinho Ovídio Melo, 49.	Quem era Neris
Discussão: Discurso relatado. Provavelmente relatado pelo irmão de Silva.	
(13) Segundo familiares, Silva iria prestar vestibular neste ano para ser veterinário.	Sonho de Neris

Discussão: Discurso relatado por familiares de Silva.

3.1.2.1 Discussão da análise de estrutura da reportagem

A análise da reportagem “Violência” mostra que sua estrutura difere da estrutura do texto DA, não apresentando, portanto, os estágios do esquema “Problema-Solução”.

No caso da reportagem “Violência”, interessa informar o leitor sobre os detalhes da agressão que causou a morte de Néris, local do crime, identificação dos autores etc. Nesse sentido, a reportagem executa esses requisitos respeitando a ordem dos acontecimentos, o que facilita o acompanhamento da descrição. Inicia o relato com o espancamento de Néris e Netto, por 30 carecas que atacam a dupla porque aparentavam ser homossexuais. Os dois fogem, um para cada lado: Netto é ferido, mas consegue escapar. Néris não teve a mesma sorte, e morre.

Duas testemunhas presenciaram o crime, e a polícia iniciou uma ronda pela região, tendo efetuado a prisão de 18 *skinheads*, do grupo Carecas do ABC, dos quais cinco são reconhecidos pelas testemunhas.

A reportagem termina o texto dando alguns detalhes sobre Néris, incluindo seu sonho de estudar veterinária.

O repórter limita-se a relatar o que ouviu de pessoas que vivenciaram o transcorrer da agressão que acaba causando a morte de Néris. Assim, nessa reportagem, ele se vale do discurso relatado por uma das vítimas, por testemunhas e por familiares, sendo esse o discurso que – com exceção do estágio três, um discurso original – perpassa toda a reportagem.

3.1.3 Discussão geral sobre a estrutura do artigo de opinião e da reportagem

A análise de estrutura dos gêneros – artigo de opinião e reportagem – mostra diferenças que caracterizam esses gêneros, devido a funções diferentes que

exercem por meio da língua. Sobre um mesmo assunto, o artigo de opinião, como bem diz o nome, trata da defesa do autor do texto sobre uma faceta específica do evento que, em geral, deixou de ser explicitado de maneira mais completa; ou contraria seu pensamento a respeito da abordagem do assunto; e assim por diante.

Já a reportagem tem em si o dever de bem informar os leitores da mídia, seja jornal, seja revista, de maneira rápida, compreensível, próxima à realidade dos fatos. De um lado, diferentemente do caso do artigo de opinião, em que seu autor tem conhecimento abalizado a respeito do que relata, o jornalista é apenas o porta-voz de outros; de outro lado, ele deve tratar de qualquer assunto que lhe caia nas mãos, sendo-lhe impossível elaborar uma opinião respeito de todos.

Um produto dessa comparação pode também ser o esclarecimento da diferença entre dissertação-argumentativa e dissertação, na medida em que os textos que temos examinado, ou seja, a “dissertação-argumentativa” de alunos iniciantes nessa tarefa é a, em geral, um relato mais semelhante à reportagem, em que o discente apenas arrola vários aspectos de um fato sem expressar sua opinião a respeito do fato, e a argumentação em favor de seu ponto de vista.

3.2 Análise da unidade de textura

Passo a analisar a unidade de textura do artigo de opinião e da reportagem, examinando a presença da nominalização, da avaliatividade, da modalidade e da transitividade.

3.2.1 Análise e Discussão da nominalização do artigo de opinião e reportagem

Comparemos a presença de nominalização em trechos do artigo de opinião “O Ataque Careca” e da reportagem “Violência”. A escolha de apenas um trecho justifica-se pelo fato de me parecer suficiente para mostrar a diferença de ocorrência desse item lexical nos dois gêneros.

O ATAQUE CARECA ESSES GRUPOS SÃO PERIGOSOS PORQUE DEFENDEM	VIOLÊNCIA POLÍCIA PRENDEU 18 JOVENS SUSPEITOS DE PARTICIPAR DO CRIME
---	---

IDEIAS ADORMECIDAS NA SOCIEDADE	SKINHEADS ESPANCAM E MATAM HOMEM EM SÃO PAULO
<p>O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria, despertou novamente a atenção da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio".</p> <p>As discussões durante a semana passada foram travadas muito em torno de aspectos até certo ponto secundários, como as diferenças entre punks, <i>skinheads</i> e carecas, o que vestem e que músicas ouvem, que locais frequentam ou qual o perfil dos seus integrantes, deixando de lado a questão mais crucial: qual é afinal o perigo que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira?</p> <p>Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordistas na Rádio Atual, em 1992, as ações desses grupos vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades, e ora uma, ora outra facção tem sido apresentada como responsável por pichações difamatórias, depredações, ameaças a lideranças de minorias, difusão de ideias racistas, homofóbicas, separatistas e antissemitas por meio de panfletos, fanzines ou pela Internet. Também foram responsabilizadas pelo envolvimento em incidentes mais graves e raros, como o envio de bombas caseiras a instituições como a Anistia, estupros, agressões físicas e assassinatos.</p>	<p>O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, morreu na madrugada deste domingo (6), depois de ter sido espancado por uma gangue de <i>skinheads</i> na praça da República (zona central de São Paulo).</p> <p>Segundo o depoimento de Dario Pereira Netto, 34, que passava com Silva pelo local por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles.</p> <p>A filosofia skinhead prega o repúdio, entre outras coisas, às pessoas gays, lésbicas e simpatizantes. A perseguição teria ocorrido pelo fato de dois serem considerados homossexuais.</p> <p>Presentindo que seriam abordados pela gangue, Silva e Netto saíram correndo em direções opostas. Netto foi agredido, mas conseguiu escapar. Silva foi alcançado pelos <i>skinheads</i>.</p> <p>Duas testemunhas, que preferem não se identificar, dizem que a agressão contra Silva durou cerca de 20 minutos. "Tudo que se ouvia era o barulho dos socos", afirma uma testemunha. "Depois que terminaram, o grupo foi embora, andando tranquilamente."</p> <p>A testemunha avisou à polícia, que encaminhou Silva para a Santa Casa de Misericórdia, onde ele já chegou morto. Viaturas da Polícia Civil iniciaram, em seguida, uma ronda pela região a fim de encontrar um grupo com as características descritas pelas testemunhas. Essa busca resultou na prisão de 18 jovens que estavam reunidos num bar da rua 13 de maio.</p>

Os trechos selecionados mostram a seguinte ocorrência de nominalizações:

Quadro 13 – Ocorrências de nominalizações

Gênero	Trecho com	Nominalizações
Artigo de opinião	206 palavras	27
Reportagem	216 palavras	14

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A diferença pode ser explicada pelas funções que a nominalização exerce no discurso. Repito aqui a explicação já expressa anteriormente por motivo de explicitude.

A nominalização atribui ao texto uma *abstração teórica*, fato que, segundo a teoria, distancia o autor do leitor e lhe dá *poder de expert* no assunto, questão importante no processo persuasivo. Além disso, como nome, o que era antes um verbo, permite a *expansão do grupo nominal* com acréscimo de atributos, inserindo um sistema de valores, com potencial ideológico. Por outro lado, a concisão de que se reveste o artigo de opinião provém da *maior complexidade gramatical*, via condensação de orações em grupos nominais, característica própria de texto acadêmico.

Nesse contexto, de acordo com as características funcionais dos gêneros examinados, fica claro que o artigo de opinião, que é um texto persuasivo para a defesa da opinião do autor, deve apoiar-se mais na função da nominalização.

3.2.2 Análise da modalidade e da avaliatividade

Passo à análise da modalidade e da avaliatividade no artigo de opinião e na reportagem. Os textos não serão analisados na íntegra devido não só à extensão de cada um, mas também porque julgo que – para o propósito – bastaria a abordagem de parte dos textos. Assim, serão analisados, computando-se igual (ou quase igual) número de palavras para os respectivos textos: 382 palavras do artigo de opinião bem como da reportagem.

A avaliatividade e a modalidade serão assim indicadas:

- (+) ou (-) se a avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente.
- (↑) ou (↓) se a avaliatividade for intensificada ou diminuída

3.2.2.1 Análise da modalidade e da avaliatividade no artigo de opinião: “O ataque careca”

Primeiramente, analiso a modalidade e a avaliatividade no trecho selecionado com 382 palavras, do artigo de opinião: “O ataque careca”.

O ataque careca

Túlio Kahn

Folha de S.Paulo (14/02/00)

ESSES GRUPOS SÃO **PERIGOSOS** [Avaliação Social (-)] PORQUE DEFENDEM **IDEIAS ADORMECIDAS** [Avaliação Social (-) *token*] NA SOCIEDADE

O episódio recente do **assassinato** [Julgamento (-)] do adestrador de cães Edson Neris da Silva **em plena** [Apreciação (-) e Graduação(↑)] praça da República por um **grupo de carecas** [Avaliação Social (-)], somado às **agressões** [Julgamento (-)] contra **imigrantes marroquinos** [Avaliação Social (-) *token*] na Espanha e à eleição do **Partido da Liberdade na Áustria** [Avaliação Social (-) *token*], despertou **novamente** [Modalização de Frequência] a **atenção da sociedade** [Avaliação Social (-) *token*] para a questão dos "**incidentes de ódio**" [Avaliação Social (-)].

As discussões durante a semana passada foram travadas muito em torno de aspectos **até certo ponto** [Graduação↓] **secundários** [Apreciação (-) *token*], como **as diferenças entre punks, skinheads e carecas**, [Apreciação (-)] **o que vestem e que músicas ouvem, que locais frequentam** [Apreciação (-) *token*] ou qual **o perfil dos seus integrantes** [Apreciação (-) *token*], deixando de lado a **questão mais crucial** [Avaliação Social (-) e Graduação(↑)]: qual é afinal o **perigo** [Avaliação Social (-)] que a existência desses grupos [Avaliação Social (-) *token*] representa para a sociedade brasileira?

Desde as **ameaças** [Julgamento (-)], os **tiros** [Julgamento (-)] e as inscrições **antinordestinas** [Apreciação (-)] na Rádio Atual, em 1992, as

ações desses grupos [Avaliação Social (-) *token*] vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades, e ora uma, ora outra facção tem sido apresentada como responsável por **pichações difamatórias** [Julgamento (-)], **depredações** [Julgamento (-)], **ameaças a lideranças de minorias** [Avaliação Social (-)], difusão de ideias **racistas** [Avaliação Social (-)], **homofóbicas** [Avaliação Social (-)], **separatistas** [Avaliação Social (-)] e **antisemitas** [Avaliação Social (-)] por meio de **panfletos** [Apreciação (-) *token*], **fanzines** [Apreciação (-) *token*] ou pela **Internet** [Apreciação (-) *token*]. Também foram responsabilizadas pelo envolvimento em **incidentes mais graves e raros** [Julgamento (-) ↑], como o envio de **bombas caseiras** [Julgamento (-)] a instituições como a **Anistia** [Avaliação Social (+)], **estupros** [Julgamento (-)], **agressões físicas** [Julgamento (-)] e **assassinatos** [Julgamento (-)].

A morte de Neris da Silva, **atacado** [Julgamento (-)] porque "**parecia** [Modalização de probabilidade (-)] **homossexual** [Avaliação Social (-) *token*]", foi, segundo um levantamento feito na imprensa desde 1992, o **nono** [Graduação ↑] **homicídio** [Julgamento (-)] que pode ser atribuído aos **grupos de extrema direita** [Avaliação Social (-)]. Muitos outros "**inimigos**" [Julgamento (-) *token*] foram surrados seguindo o mesmo padrão: **ataques** [Julgamento (-)] **de muitos** [Graduação ↑] contra **poucos** [Graduação ↓] **indefesos** [Julgamento (-)], escolhidos **aleatoriamente** [Julgamento (-)] pelo simples fato de ser **negros** [Avaliação Social (-) *token*], **nordestinos** [Avaliação Social (-) *token*], **gays** [Avaliação Social (-) *token*], **punks** [Avaliação Social (-) *token*] ou **judeus** [Avaliação Social (-) *token*].

Mas, mais que um perigo físico para as minorias - estatisticamente baixo num país onde ocorrem **37 mil homicídios dolosos** [Avaliação Social

(-) por ano e um **homossexual** [Avaliação Social (-) token] é **assassinado** [Julgamento (-)] a cada dois dias-, o **perigo** [Julgamento (-)] representado por esses grupos é de outra natureza, mais **simbólica** [Avaliação Social (-)].

Em primeiro lugar, é preciso ser **cauteloso** [Julgamento (+)] com aqueles que se apresentam como **herdeiros de doutrinas** [Avaliação Social (-) token] que no passado foram responsáveis pelo **sofrimento** [Julgamento (-)] e pela morte de **milhões** [Graduação ↑] de pessoas. Mas, acima de tudo, esses grupos são **perigosos** [Avaliação Social (-)] porque defendem **bandeiras e ideias** [Avaliação Social (-) token] que se encontram **adormecidas** [Julgamento (-)] na sociedade, ainda hoje, mesmo que em versões mais **moderadas** [Graduação ↓]. Ideias que não se restringem a alguns poucos **extremistas** [Julgamento (-)] e são **mais difundidas** [Avaliação Social (-)] do que seria **desejável** [Julgamento (-) token].

[...]

3.2.2.2 Análise da modalidade e da avaliatividade na reportagem: “Violência”

Passo à análise da modalidade e da avaliatividade no trecho selecionado da reportagem: “Violência”.

VIOLÊNCIA

Polícia prendeu 18 **jovens suspeitos** [Julgamento (-) token] de participar do crime

Skinheads espancam e matam [Julgamento (-) token] homem em São Paulo

Adriana Souza Silva
da Reportagem Local
Folha de São Paulo, de 07/02/00

O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, **morreu** [Julgamento (-) *token*] na madrugada deste domingo (6), depois de ter sido **espancado** [Julgamento(-)] por uma **gangue de skinheads** [Avaliação Social (-)] na praça da República (zona central de São Paulo).

Segundo o depoimento de Dario Pereira Netto, 34, que passava com Silva pelo local por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles.

A **filosofia skinhead** [Avaliação Social (-)] prega o **repúdio** [Julgamento (-) *token*], entre outras coisas, **às pessoas gays, lésbicas e simpatizantes** [Avaliação Social (-)]. A **perseguição** [Apreciação (-)] teria ocorrido pelo fato de dois serem considerados **homossexuais** [Avaliação Social (-) *token*].

Presentindo que seriam abordados pela **gangue** [Avaliação Social (-)], Silva e Netto saíram correndo em direções opostas. Neto foi agredido, mas conseguiu escapar. Silva foi alcançado pelos *skinheads*.

Duas testemunhas, que preferem não se identificar, dizem que a agressão contra Silva **durou cerca de 20 minutos** [Julgamento (-) *token*]. “Tudo que se ouvia era o **barulho dos socos**” [Apreciação (-)], afirma uma testemunha. “Depois que terminaram, **o grupo** [Avaliação Social (-)] foi embora, andando **tranquilamente** [Julgamento (-)].”

A testemunha avisou à polícia, que encaminhou Silva para a Santa Casa de Misericórdia, onde ele já chegou **morto** [Julgamento (-)]. Viaturas da Polícia Civil iniciaram, em seguida, uma ronda pela região a fim de encontrar um grupo com as características descritas pelas testemunhas.

Essa busca resultou na **prisão de 18 jovens** [Avaliação Social (-)] que estavam reunidos num bar da rua 13 de maio. Eles foram **indiciados** [Julgamento (-)] por **formação de quadrilha** [Avaliação Social (-)] e encaminhados ao 3º DP (Santa Ifigênia) como os suspeitos do **homicídio** [Julgamento (-)].

Na delegacia, os 18 jovens (16 homens e duas mulheres, com idade entre 18 e 30 anos) disseram que só falariam em juízo, embora tenham afirmado que faziam parte de um **grupo de skinhead** [Avaliação Social (-)] conhecido como "Carecas do ABC". Pelo menos cinco deles foram reconhecidos pelas testemunhas como autores da **agressão** [Julgamento (-)].

Junto com uma das mulheres foi encontrado um peça de metal conhecida como **soco inglês** [Apreciação (-)].

Pelo menos cinco deles foram reconhecidos pelas testemunhas como autores da **agressão** [Julgamento (-)].

Revoltado, o irmão de Silva, Jurandir da Silva Santos, 32, pedia justiça. "Eles não **podem ser soltos** [Julgamento (-)], como aconteceu com os **assassinos** [Julgamento (-)] do índio pataxó", disse.

Nascido em Franco da Rocha, Silva foi criado em Itapevi (interior de São Paulo) onde morava até hoje com os pais. Divorciado, costumava vir a São Paulo para visitar amigos. "Era uma pessoa **alegre** [Afeto (+)], sempre disposto a **ajudar** [Julgamento (+)]", disse o vizinho Ovídio Melo, 49.

[...]

3.2.2.3 Discussão da modalidade e da avaliatividade do artigo de opinião e da reportagem

A análise da avaliatividade, dos trechos do artigo de opinião e da reportagem, divide-se em uma quantidade igual de palavras, sendo: 382 para os dois textos. A seguir, segue o quadro, onde apresento a quantidade de avaliatividade e modalidade, bem como as suas diferenças, achadas nos trechos do artigo de opinião e da reportagem.

No Quadro 14, apresento a ocorrência da avaliatividade nos dois gêneros: artigo de opinião e reportagem.

Quadro 14 – Avaliatividade: Comparação

AVALIATIVIDADE						
	Artigo de opinião		Reportagem		Art.Op.	Report.
	(+)	(-)	(+)	(-)	<i>Tokens</i>	
Avaliação Social	1 (50%)	15 (40%)	0 (0%)	8 (40%)	15 (63%)	1 (17%)
Julgamento	1 (50%)	21 (55%)	1 (50%)	9 (45%)	3 (12%)	5 (83%)
Apreciação	0 (0%)	2 (5%)	0 (0%)	3 (15%)	6 (25%)	0 (0%)
Afeto	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

Discussão:

Avaliação Social: O artigo de opinião denuncia sua preocupação com o problema social de discriminação homofóbica, comprovado com altas porcentagens tanto positivas (50%) quanto negativas (40%), ao contrário da reportagem (0%) e (40%) respectivamente. Além disso, fica evidente essa diferença na porcentagem de *tokens* de avaliação social, sendo encontrados (63%) no artigo de opinião, para (1%) na reportagem, o que evidência a preocupação do autor para esse problema social.

Julgamento: Em termos dessa avaliatividade, se positiva ou negativa, o artigo de opinião pontua com (50%) e (55%) respectivamente, e a reportagem com (50%) e (45%), portanto com resultados semelhantes, e apresenta, de certa maneira, a ideologia dos escritores, que em ambos os casos, se mostra

<p>presente na escrita, devido o repúdio dos atos homofóbicos praticados pelos criminosos.</p> <p>Apreciação e Afeto: Essas avaliatividades não se revelaram expressivas.</p>		
	Artigo de opinião	Reportagem
Modalização	2	0
Gradação	9	0
<p>Discussão:</p> <p>Modalização: Os 2 termos de modalização (1 de frequência e outro de probabilidade), que aparecem no artigo de opinião, mostram que o autor sabe detalhes mais profundos sobre o assunto e consegue relacioná-los com questões anteriores, que possuem uma ligação com o ocorrido, e cria, assim, graus diferentes de julgamentos. Diferente da reportagem que apenas informa sobre o assunto presente, e não possui nenhum termo de modalização.</p> <p>Gradação: O uso de 9 expressões de gradação no artigo de opinião, intensificam expressões de avaliatividade, sendo sua maioria de julgamento, e evidenciam o repúdio do autor e a sua visão sobre o grau de violência presente no fato ocorrido.</p>		

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Há uma diferença significativa com referência aos índices de avaliatividade de avaliação social entre os gêneros, o que se explica pelas funções de persuasão que são necessárias no gênero artigo de opinião, que tem como papel fazer questionar o tema em questão e, ir além de apenas informar, como ocorre na reportagem.

A avaliação social negativa no discurso do artigo de opinião mostra que o problema em si não está no assassinato de Néris, mas sim em várias questões sociais que devem ser questionadas e fazer pensar que sem mudanças sociais profundas, mais casos como esse ocorrerão. Já a análise mostra que a função central da reportagem é registrar e informar os leitores a respeito de um acontecimento, deixando em segundo plano a avaliação social do ocorrido.

Quanto à avaliatividade de julgamento, a análise mostra que ambos os

gêneros repudiam o ato humano de ódio e assassinato, que, na realidade foi o estopim que gerou os dois textos.

Por outro lado, apreciação e afeto não tiveram presença marcante nos dois gêneros, atestando que o interesse que motivou os dois textos não tiveram foco na descrição minuciosa do espancamento e morte (apreciação) e nem nos resultados desse sacrifício para os familiares, por exemplo (afeto).

Já o fato de aparecer um número significativo de modalização e graduação no artigo de opinião, e nenhum termo relativo na reportagem, mostra que o autor do artigo de opinião intensificou seu repúdio sobre toda essa situação de homofobia e mostrou um maior grau ideológico e de aprofundamento do assunto, ao modalizar frequências e probabilidades.

3.2.3 *Análise e Discussão da transitividade no artigo de opinião “O ataque careca” e na reportagem “Violência”*

Início a análise da transitividade, examinando um trecho do artigo de opinião “O ataque careca”.

O ATAQUE CARECA

E ESSES GRUPOS SÃO PERIGOSOS PORQUE DEFENDEM IDEIAS ADORMECIDAS NA SOCIEDADE.

O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria, DESPERTOU novamente a atenção da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio".

Discussão: O processo Mental “despertou” envolve não só o assassinato de Neris, mas também dois outros acontecimentos igualmente discriminatórios, movidos pelo “ódio”, Ator de “mover”, processo Material, inseridos pelo autor, a fim de aumentar o poder persuasivo do trecho.

As discussões durante a semana passada foram travadas muito em torno de aspectos até certo ponto secundários, como as diferenças entre punks, *skinheads* e carecas, o que vestem e que músicas ouvem, que locais frequentam ou qual o perfil dos seus integrantes, deixando de lado a questão mais crucial: qual é afinal o perigo que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira?

Discussão: O processo Verbal “travadas” tem como Meta “as discussões” (pela mídia) sobre o assassinato, que traziam, no entanto, questões “mais cruciais” em seu bojo. Nesse sentido, o autor dá continuidade ao que foi posto anteriormente para ampliar a importância para a sociedade de um caso, em si, secundário, segundo suas palavras.

Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992, as ações desses grupos vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades, e ora uma, ora outra facção tem sido apresentada como responsável por pichações difamatórias, depredações, ameaças a lideranças de minorias, difusão de ideias racistas, homofóbicas, separatistas e antissemitas por meio de panfletos, fanzines ou pela Internet. Também foram responsabilizadas pelo envolvimento em incidentes mais graves e raros, como o envio de bombas caseiras a instituições como a Anistia, estupros, agressões físicas e assassinatos.

Discussão: Uma vez colocada a questão de que a morte de Neris não deve ser encarada como fato isolado, o autor argumenta nesse sentido, por meio da nominalização do verbo agir em “ações”, apontando seu Ator “esses grupos” na execução de Metas como “ameaças”, “tiros”, “inscrições antinordestinas, etc.

A seguir, examino um trecho da reportagem “Violência”, sob o ponto de vista da transitividade, da metafunção ideacional.

VIOLÊNCIA

POLÍCIA PRENDEU 18 JOVENS SUSPEITOS DE PARTICIPAR DO CRIME
SKINHEADS ESPANCAM E MATAM HOMEM EM SÃO PAULO

O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, MORREU na madrugada deste domingo (6), depois de ter sido ESPANCADO por uma gangue de *skinheads* na praça da República (zona central de São Paulo).

Discussão: Com o processo Existencial “morreu”, a reportagem informa que Neris teve seu fim, “espancado”, processo Material, por uma gangue, Ator desse processo, na praça da República, Circunstância.

Segundo o DEPOIMENTO de Dario Pereira Netto, 34, que passava com Silva pelo local por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles.

Discussão: “Depoimento”, nominalização de “depor”, processo Verbal, traz como Dizente, Dario, segundo o qual, 30 jovens carecas, num discurso relatado. Assim, o parágrafo descreve uma situação relatada por meio de terceiro, sendo o narrador um relator que, portanto, não assume a autoria das palavras. Apenas relata não tendo intenção de persuadir, pelo menos primordialmente.

A filosofia skinhead PREGA o repúdio, entre outras coisas, às pessoas gays, lésbicas e simpatizantes. A perseguição teria OCORRIDO pelo fato de dois serem considerados homossexuais.

Discussão: O relator com o processo Verbal “prega”, traz para o contexto, a filosofia skinhead, na tentativa de explicar “teria ocorrido” o motivo da agressão. Mas não aprofunda a discussão sobre esse motivo.

PRESENTINDO que seriam abordados pela gangue, Silva e Netto SAÍRAM CORRENDO em direções opostas. Netto foi agredido, mas conseguiu escapar. Silva foi alcançado pelos *skinheads*.

Discussão: Silva e Netto, Experienciadores do processo Mental “presentem”, o perigo e “saem” e “correm”, processos Material: Netto, Ator, “escapa”, processo Material, mas Silva, Meta de “alcançar” cujos Atores são os *skinheads*, não escapa.

Novamente, a reportagem limita-se a narrar o ocorrido, sem tomar nenhum posicionamento.

Duas testemunhas, que preferem não se identificar, DIZEM que a agressão contra Silva durou cerca de 20 minutos. “Tudo que se ouvia era o barulho dos socos”,

AFIRMA uma testemunha. “Depois que terminaram, o grupo foi embora, andando tranquilamente.”

Discussão: Da mesma forma, a reportagem limita-se a narrar os fatos, ditos e afirmados por outrem, ou seja, os Dizentes.

A testemunha AVISOU à polícia, que encaminhou Silva para a Santa Casa de Misericórdia, onde ele já chegou morto. Viaturas da Polícia Civil iniciaram, em seguida, uma ronda pela região a fim de encontrar um grupo com as características descritas pelas testemunhas.

Discussão: Igualmente, a reportagem continua a narração de maneira impessoal, noticiando a “morte”, nominalização de morrer, fim de Silva, (não) Existente do processo Existencial.

Essa BUSCA RESULTOU na prisão de 18 jovens que estavam REUNIDOS num bar da rua 13 de Maio.

Discussão: A “busca” processo Material, dos jovens “resultou” processo Material na prisão de 18 *skinheads*, “reunidos” processo Material.

Por meio dos processos de transitividade, da metafunção ideacional, pode-se notar a diferença no conteúdo expresso por cada gênero. No artigo de opinião, os processos mentais, materiais e verbais revelam o conhecimento do autor sobre o assunto, que extrapola a mera descrição do assassinato, na comparação que faz de outros fatos igualmente condenáveis com o ocorrido no Brasil. Assim fazendo, Kahn tem em mente persuadir o leitor, expressando a ideologia que alerta para o real perigo que resultou na morte de Edson Neris.

Já na reportagem, seu autor tem a função de relatar um fato, com base em dados que colheu no local do crime, entrevistando as pessoas que de alguma maneira envolveram-se no ocorrido, o que se revela nos muitos processos verbais. Por outro lado, os processos materiais referem-se aos ataques desferidos no rapaz.

3.3 Discussão geral das análises do artigo de opinião e da reportagem

Esta pesquisa permitiu responder as perguntas propostas pela presente dissertação, ou seja: (a) Que diferenças existem entre o artigo de opinião e uma reportagem em termos da unidade de estrutura? (b) E quanto à unidade de textura? (c) De que recursos retóricos se valem esses gêneros em nome da persuasão?

Com o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional e das teorias para a análise dos gêneros textuais propostos, verifiquei que um artigo de opinião e uma reportagem apresentam diferenças pontuais em termos de unidades de estrutura, já que ambos exercem papéis diferentes na língua. No artigo de opinião, o autor defende uma faceta específica de um determinado evento, tendo conhecimento profundo a respeito do que relata, e traz informações implícitas e explícitas do ocorrido. A sua estrutura tem como base o esquema problema-solução, que segue a estrutura: situação, problema, hipótese de solução, argumentos e tese/ avaliação. Já a reportagem tem em si o dever de bem informar os leitores da mídia que retrata, de maneira rápida, legível e próxima à realidade do evento; O jornalista é apenas o porta-voz de terceiros que vivenciaram o fato ocorrido, e não deve elaborar uma opinião a respeito do assunto. A estrutura da reportagem tem como base, em quase todo o texto, o discurso relatado, já que o jornalista relata o que ouviu sobre determinada ocorrência.

Quanto à unidade de textura, subdividiu-se entre os aportes teóricos: nominalização; avaliatividade e modalidade; transitividade. Ao analisar a nominalização do artigo de opinião e da reportagem, há um uso maior de palavras nominalizadas no artigo de opinião, já que o uso desse recurso garante um poder de *expert* ao leitor e carrega um potencial ideológico que auxilia na persuasão. Efeito que não é necessário na reportagem já que o intuito é, apenas, o de informar.

Ao analisar a avaliatividade e modalidade nota-se que o artigo de opinião necessita do apoio da avaliação social, julgamento, modalizações e graduações para a persuasão do leitor, já que aborda questões de cunho social, que vão muito além do fato ocorrido. As porcentagens que aparecem no artigo de opinião, se concentram na Avaliação Social, bem como seus *tokens*, que mostram a preocupação do autor sobre as questões sociais explicitadas. Além disso, as modalizações e graduações intensificam essa preocupação do autor aos problemas sociais citados. Diferentemente, a reportagem possui termos de avaliatividade não

muito expressivos (a maioria são de julgamento, que mostra o repúdio do repórter ao ato de violência), já que seu foco, como citado anteriormente, é a informação.

Por fim, a transitividade no artigo de opinião, tem a função de persuasão, pois por meio dos participantes e processos citados, amplia a importância social do acontecimento. Já na reportagem, conforme citado anteriormente, o autor não assume a autoria dos fatos relatados, e os “participantes” de cada “processo” são invocados na terceira pessoa, apenas para relato do ocorrido.

Os recursos retóricos persuasivos utilizados no artigo de opinião são: a nominalização (que distingue o especialista do não-iniciado no assunto e faz com que o escritor camufle algumas informações deixando-as implícitas); a modalidade (que aguça ou enfraquece o posicionamento do autor); a avaliatividade (ao analisar a atitude, não se revela apenas o posicionamento pessoal, mas espera-se uma resposta de solidariedade interpessoal). Outro recurso de persuasão utilizado é o *token*, que mostra o domínio do autor sobre o assunto, dessa maneira, ao passar confiança, encoraja os leitores a se conscientizarem e questionarem seus pontos de vista.

Todos os recursos retóricos de persuasão citados acima, são utilizados no artigo de opinião, já que o propósito é convencer o leitor a concordar e apoiar sua ideia. Diferente da reportagem, que apenas informa o caso ocorrido e não tem necessidade de persuadir o público.

As diferenças de estrutura e texturas, nos gêneros artigo de opinião e reportagem se dão devido os seguintes pontos: o artigo de opinião tem o papel de levantar questionamentos, sendo assim é necessário persuadir o público; a reportagem tem papel de informar de maneira clara e objetiva um assunto, sem espaço para suposições ideológicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a unidade textual, que compreende as unidades de estrutura e de textura, de dois gêneros do discurso: um artigo de opinião e uma reportagem, ambos sobre o mesmo assunto. A análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional que abrange as noções de metáfora gramatical (nominalização), avaliatividade e Linguística Crítica. Acrescem-se, a esse aporte teórico, recursos retóricos de persuasão explícita e implícita. Bem como, a análise que utiliza o padrão de estrutura problema-solução e do discurso relatado.

A escolha do tema deve-se ao planejamento de progressão de atividades docentes na Base Nacional Comum Curricular, de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, que espera que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a diferentes gêneros e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos.

A pesquisa contribui para o ensino de gênero, já que nesse contexto, há a produção de textos noticiosos, opinativos e a participação em discussões e debates de forma ética e respeitosa. Nota-se, também, que a análise das unidades textuais, explicitam esquemas que auxiliam os alunos a respeito das fases de um texto argumentativo, o que evita a “fuga do tema”, que ocorre drasticamente em redações nos exames vestibulares.

A pesquisa possibilitou-me ver com outros olhos os vários conceitos linguísticos utilizados nos gêneros discursivos em nosso dia a dia, e por meio do contato com a Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística Crítica, desenvolvi novas estratégias em minha prática docente, como por exemplo, proporcionar aos meus alunos a possibilidade de uma leitura e uma produção de texto críticas, visando as diferenças entre os gêneros (como os jornalísticos), com a possibilidade de verificar as diferentes estruturas e texturas dos discursos e como essa diferenciação facilita nossa interpretação e escrita, e nos auxilia a reconstruir significados ideológicos, e entender que as escolhas lexicogramaticais de um discurso, em determinado gênero, têm o objetivo de persuadir ou apenas informar.

Dessa maneira, vejo que a minha pesquisa ajudará os discentes, com o apoio das análises de estrutura e textura, a perceber a definição e diferenciação dos gêneros de discurso presentes na BNCC.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, p. 279, 1979-1997.
- BELTRÃO, L. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre, Editora Sulina, 1980.
- BNCC. Educação é a Base. In: *A Etapa do Ensino Médio*. Ministério da Educação, 2018, p. 481-526.
- CATANHEDE, C. S. *Recursos Retóricos para a realização da Persuasão Implícita em Textos Argumentativos: em enfoque crítico da Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2016.
- CEREJA, W. R.; Magalhães T. C. *Português Linguagens: vol. único*. Editora Atual, 2003.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave Macmillan, 2004. 263 p.
- COFFIN, C. e O'HALLORAN, K. (2006) *The role of APPRAISAL and corpora in detecting covert evaluation*. *Functions of Language*, v.13, n.1, p. 77-110.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.
- EL REFAIE, E. *Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism*. *Journal of Pragmatics*, 37.6, 2005, p. 781-797.
- ENZENSBERGER, H. M. *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- FAERMAN, M. *A proposta de uma receita nova, com corações conscientes*. *Cadernos de Jornalismo*, n.2. Porto Alegre, Sindicato dos Jornalistas Profissionais, novembro de 1977, p. 37.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. Routledge; 2 edition, 2001.
- FIGUEREDO, G. P. *The flow of information in "Brian Aldiss Supertoys: Last All Summer Long" and its translation into brazilian portuguese*. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- FOLHA S. PAULO. Skinheads espacam e matam homem em São Paulo. In:

Cotidiano, Da Folha de S.Paulo. 06.02.2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fol/geral/ult06022000049.htm>. Acesso em: 5 mar. 2019.

FOWLER, R. *Language in the News: discourse and ideology in the press*. Routledge, 1991.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to Systemic Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. HASAN, R. *Language, Context & Text: Aspect of language in a social – semiotic perspective*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, M.I.M. *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004. p. 176.

HOEY, M. Signalling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: COURTHARD, M. *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.

HOLLOWAY, I. *Basic concepts for qualitative research*. Oxford: Blackwell Science, 1997.

JAKOBSON, R. *Os articuladores, as categorias verbais e o verbo russo*. 1957. (Versão mimeografada).

KAHN, T. O ataque careca. In: *Opinião, Folha de S.Paulo*. 14/02/2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1402200010.htm>. Acesso em: 5 mar. 2019.

KÄRKKÄINEN, E. *Stance taking in conversation: from subjectivity to intersubjectivity*. *Text & Talk*, 26.6, 2006, p. 699-731.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (2004). *Introducing polylogue*. *Journal of pragmatics* nº 36. p. 1-22. Elsevier B.V., Holland.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. *Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study*. *Journal of Pragmatics*, v. 28, 1997, p. 557- 590.

LAGE, N. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, p. 76-79, 1979.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory Life*. Londres: Sage, 1979.

LEMKE, J. L. *Talking Science: Language, Learning and Values*. Norwood, NJ: Ablex, 1990.

LI, J. *Transitivity and Lexical Cohesion: Press Representations of a Political Disaster and its actors*. *Journal of Pragmatics*, 42.12, p. 3444-3458, 2010.

LIMA, R. H. *A Persuasão no Gênero Pregação Sob o Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2013.

LUCHJENBROERS, J. *Pragmatic inference in Language processing*. Unpublished PhD Dissertation, La Trobe University, Australia, 1993.

LUCHJENBROERS, J. 'In your own words ...' *Questions and answers in a supreme court trial*. *Journal of Pragmatics*. 27: 477-503, 1997.

MANNING, P. *Dog Whistle Politics and Journalism*. Sydney: Australian Centre for Independent Journalists, 2004.

MARTIN, J.R. *Language, register and genre*. In: Martin J. R. *Children writing: reader*. Local: Deakin University, p. 25, 1984.

MARTIN, J. R. *Process and Text: Two Aspects of Semiosis*. In: BENSON J. D.; GREAVES, W. *Perspective on Discourse*. Norwood: Ablex, p. 284, 1985.

MARTIN, J. R. *English Text*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J. R. *Beyond exchange: Appraisal systems in English*. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. (org.) *Evaluation in text – Authorial and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J. R. *Introduction*. *Text*, 23.2, p. 3-39, 2003.

MARTIN, J. R.; MATTIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. *Working with Functional Grammar*. New York: Arnold, p. 58, 1997.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. (1999). *The System of TRANSITIVITY: An exploratory tex-based profile*. *Functions of Language*, 1995.

ODLIN, T. *Language Transfer Cross-Linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge Cambridge University Press, 1989.

OMAKI, M. M. R. *A Persuasão na Propaganda e a Criação de Mundo Textual sob a Perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2010.

PÊCHEUX, M. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas, Pontes, 1982.

PEIRCE, C. S. (1893-1910) 'Logic as Semiotic: The Theory of Signs', selection from mss. dated from 1893 to 1910. In: *The Philosophy of Peirce: Selected Writings*, edited by J. Buchler (London: Routledge & Kegan Paul, 1940), pp. 98-119.

POGGY, I. *The goals of persuasion*. Pragmatics & Cognition, 13.2, 2005, p. 297-336.

PORTA, M. A. G. *A filosofia a partir de seus problemas*. SP: Editora Loyola, 2002.

RANDACCIO, M. *Language change in scientific discourse*. Depto di Letterature e Civiltá Anglo-Germaniche Univesity of Trieste, Itália, 2004.

REYNOLDS, M. *The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials*. Journal of Applied Linguistics, 10.1, p. 25-40, 2000.

SANTOS, C. M. *Causa, Condição e Concessão em Função da Persuasão sob o enfoque sistêmico-funcional*. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2015.

STERNBERG, M. *Proteus in Quotation-Land: Mimesis and the Forms of Reported Discourse*. Poetics Today 3 (2): 10, p. 107, 1982a.

THOMPSON, G. *Interaction in academic writing: Learning to argue with the reader*. Applied Linguistics 22.1 (58-78), 2001.

VAN DIJK, T. Handbook of Discourse Analysis. In: *Volume 1 Disciplines of Discourse*. Department of General Literary Studies. Section of Discourse Studies. University of Amsterdam. Amsterdam, The Netherlands, 1985.

VAN DIJK, T. *Principles of critical discourse analysis*. Discourse and Society, v. 4, p. 249-283, 1993.

VENTOLA, E. *The Structure of Social Interaction: A systemic Approach to the Semiotics of Service Encounters*. Londres. Frances Pinter, 1987.

VENTOLA, E. Text analysis in operation: a multilevel approach In: Robin P. Fawcett & David J. Young (eds). *New Developments in Systemic Linguistics. Theory and Application, vol 2*. London: Frances Pinter, 1988.

VIEIRA, W. M. *A Metáfora e sua Função Persuasiva em Artigos de Opinião sob a Perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2008.

VIVALDI, G. M. *Curso de Redacción: Teoria y Practica de La Composicion y Del Estilo*. Espanha, Editora Paraninfo, 1997.

VOLOSINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, p. 115, 1973.

WAUGH, L. R. *Reported speech in journalistic discourse: The relation of function and text*. Text 15, p. 129-173, 1995.

ANEXOS

O ataque careca
Túlio Kahn Folha de S.Paulo (14/02/00)
ESSES GRUPOS SÃO PERIGOSOS PORQUE DEFENDEM IDEIAS ADORMECIDAS NA SOCIEDADE
<p>O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria, despertou novamente a atenção da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio".</p> <p>As discussões durante a semana passada foram travadas muito em torno de aspectos até certo ponto secundários, como as diferenças entre punks, skinheads e carecas, o que vestem e que músicas ouvem, que locais frequentam ou qual o perfil dos seus integrantes, deixando de lado a questão mais crucial: qual é afinal o perigo que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira?</p> <p>Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992, as ações desses grupos vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades, e ora uma, ora outra facção tem sido apresentada como responsável por pichações difamatórias, depredações, ameaças a lideranças de minorias, difusão de ideias racistas, homofóbicas, separatistas e antisemitas por meio de panfletos, fanzines ou pela Internet. Também foram responsabilizadas pelo envolvimento em incidentes mais graves e raros, como o envio de bombas caseiras a instituições como a Anistia, estupro, agressões físicas e assassinatos.</p> <p>A morte de Neris da Silva, atacado porque "parecia homossexual", foi, segundo um levantamento feito na imprensa desde 1992, o nono homicídio que pode ser atribuído aos grupos de extrema direita. Muitos outros "inimigos" foram surrados seguindo o mesmo padrão: ataques de muitos contra poucos indefesos, escolhidos aleatoriamente pelo simples fato de ser negros, nordestinos, gays, punks ou judeus.</p> <p>Mas, mais que um perigo físico para as minorias - estatisticamente baixo num país onde ocorrem 37 mil homicídios dolosos por ano e um homossexual é assassinado a cada dois dias-, o perigo representado por esses grupos é de outra natureza, mais simbólica.</p> <p>Em primeiro lugar, é preciso ser cauteloso com aqueles que se apresentam como herdeiros de doutrinas que no passado foram responsáveis pelo sofrimento e pela morte de milhões de pessoas. Mas, acima de tudo, esses grupos são perigosos porque defendem bandeiras e ideias que se encontram adormecidas na sociedade, ainda hoje, mesmo que em versões mais moderadas. Ideias que não se restringem a alguns poucos extremistas e são mais difundidas do que seria desejável.</p> <p>Conheço bons cidadãos, que não se julgam racistas nem de extrema direita, tampouco andam de cabeças raspadas, que compartilham em algum grau noções do tipo "o Sudeste sustenta o resto do país", "nossas prisões estão cheias de negros e nordestinos", "os gays são os responsáveis pela epidemia da Aids"; que xingam os demais de "baianos" e afirmam que jamais votariam numa nordestina ou num negro para a prefeitura.</p> <p>São cidadãos que não calçam coturnos, mas que rejeitariam uma instituição de aidéticos ou uma unidade da Febem perto de suas casas. Não vestem calças camufladas, mas apoiariam restrições ao uso dos serviços públicos por migrantes e concordam veladamente que ônibus vindos</p>

do Nordeste sejam desviados para outras cidades. Não escutam música ska, mas gostariam que os mendigos fossem enviados para algum lugar remoto. Publicam anúncios pedindo "pessoas de boa aparência" e consideram o elevador de serviço mais adequado para algumas categorias de pessoas.

São versões apenas um pouco menos radicais do que as presentes no credo de vários desses grupos que tanto vilipendiamos. É claro que há diferença entre esses comportamentos e espancar alguém até a morte. Mas a diferença é frequentemente apenas de grau.

Restrições aos imigrantes fazem parte do programa do Partido da Liberdade, votado por nada menos que 27% dos austríacos nas últimas eleições, em parte pela fadiga da população com os partidos tradicionais, algo que ocorre também entre o eleitorado brasileiro -um eleitorado que já se revelou mais de uma vez disposto a votar em candidaturas apresentadas como novidades ou antissistema.

A vinculação dos marroquinos com a criminalidade, que foi o estopim dos incidentes de ódio na Espanha, é o mesmo tipo de vinculação que se faz em São Paulo com negros e nordestinos, não obstante a população carcerária ser predominantemente paulista e branca. Fenômenos desse tipo estão longe de estar mortos, mesmo na civilizada Europa, que mais sofreu com o fascismo e onde a crise social é menor que aqui.

O perigo que a existência de gangues juvenis como carecas e skinheads nos coloca não está tanto nas ações episódicas de violência contra minorias que realizam, mas no fato de que elas tocam em temas e questões mal resolvidas em nossa sociedade, ocultadas pela falácia da democracia racial brasileira.

VIOLÊNCIA

Polícia prendeu 18 jovens suspeitos de participar do crime Skinheads espancam e matam homem em São Paulo

Adriana Souza Silva
da Reportagem Local
Folha de São Paulo, de 07/02/00

O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, morreu na madrugada deste domingo (6), depois de ter sido espancado por uma gangue de skinheads na praça da República (zona central de São Paulo).

Segundo o depoimento de Dario Pereira Netto, 34, que passava com Silva pelo local por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles.

A filosofia skinhead prega o repúdio, entre outras coisas, às pessoas gays, lésbicas e simpatizantes. A perseguição teria ocorrido pelo fato de dois serem considerados homossexuais.

Pressentindo que seriam abordados pela gangue, Silva e Netto saíram correndo em direções opostas. Netto foi agredido, mas conseguiu escapar. Silva foi alcançado pelos skinheads.

Duas testemunhas, que preferem não se identificar, dizem que a agressão contra Silva durou cerca de 20 minutos. "Tudo que se ouvia era o barulho dos socos", afirma uma testemunha. "Depois que terminaram, o grupo foi embora, andando tranquilamente."

A testemunha avisou à polícia, que encaminhou Silva para a Santa Casa de Misericórdia, onde ele já chegou morto. Viaturas da Polícia Civil iniciaram, em seguida, uma ronda pela região a fim de encontrar um grupo com as características descritas pelas testemunhas.

Essa busca resultou na prisão de 18 jovens que estavam reunidos num bar da rua 13 de maio. Eles foram indiciados por formação de quadrilha e encaminhados ao 3º DP (Santa Ifigênia) como os suspeitos do homicídio.

Na delegacia, os 18 jovens (16 homens e duas mulheres, com idade entre 18 e 30 anos) disseram que só falariam em juízo, embora tenham afirmado que faziam parte de um grupo de skinhead conhecido como "Carecas do ABC". Pelo menos cinco deles foram reconhecidos pelas testemunhas como autores da agressão.

Junto com uma das mulheres foi encontrado um pedaço de metal conhecida como soco inglês.

Revoltado, o irmão de Silva, Jurandir da Silva Santos, 32, pedia justiça. "Eles não podem ser soltos, como aconteceu com os assassinos do índio pataxó", disse.

Nascido em Franco da Rocha, Silva foi criado em Itapevi (interior de São Paulo) onde morava até hoje com os pais. Divorciado, costumava vir a São Paulo para visitar amigos. "Era uma pessoa alegre, sempre disposto a ajudar", disse o vizinho Ovídio Melo, 49.

Segundo familiares, Silva iria prestar vestibular neste ano para ser veterinário.